FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

O *ETHOS* DO PASTOR EVANGÉLICO E A CRISE DE CREDIBILIDADE MINISTERIAL:

uma análise socioteológica à luz da Bíblia

William Herden Rocha Faria

SÃO PAULO

2026

William Herden Rocha Faria

O *ETHOS* DO PASTOR EVANGÉLICO E A CRISE DE CREDIBILIDADE MINISTERIAL:

uma análise socioteológica à luz da Bíblia

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP).

Orientadora: Profa Dra. Liliane Barros Oliveira Delorenzi

SÃO PAULO

2026

Faria, William Herden Rocha.

O *ethos* do pastor evangélico e a crise de credibilidade ministerial: uma análise socioteológica à luz da Bíblia. / William Herden Rocha Faria - São Paulo, 2026.
91 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Barros Oliveira Delorenzi.

1. *Ethos* pastoral. 2. Credibilidade ministerial. 3. Liderança cristã. 4. Ética pastoral. 5. Integridade I. Título. II. Delorenzi, Liliane Barros Oliveira.

CDD 253.2

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

William Herden Rocha Faria

O *ETHOS* DO PASTOR EVANGÉLICO E A CRISE DE CREDIBILIDADE MINISTERIAL:

uma análise socioteológica à luz da Bíblia

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Liliane Barros Oliveira Delorenzi – Orientadora

Prof. Me. Joerley Orlando de Oliveira Cruz – Leitor

SÃO PAULO

2026

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 11

2. *ETHOS*: FUNDAMENTOS SOCIAIS E FILOSÓFICOS..... 14

2.1 ORIGEM FILOSÓFICA DO CONCEITO DE *ETHOS*..... 15

2.2 *ETHOS* E FORMAÇÃO DO CARÁTER..... 17

2.3 *ETHOS* NO CONTEXTO SOCIAL..... 18

2.4 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE *ETHOS*..... 21

2.4.1 Do *ethos* geral ao *ethos* individual: a figura do pastor evangélico 22

3. O *ETHOS* PASTORAL: CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E ECLESIÁSTICO 24

3.1 O PASTOR COMO REFERÊNCIA MORAL NA COMUNIDADE CRISTÃ..... 25

3.2 O CARÁTER PASTORAL COMO FUNDAMENTO DA AUTORIDADE MINISTERIAL..... 28

3.3 A CONSTRUÇÃO DA INFLUÊNCIA PASTORAL..... 31

3.4 O *ETHOS* PASTORAL NA CONTEMPORANEIDADE..... 33

3.5 DESAFIOS NA FORMAÇÃO E MANUTENÇÃO DO *ETHOS* PASTORAL..... 36

4. ETHOS PASTORAL E A PERCEPÇÃO PÚBLICA..... 41

4.1 QUEM É O PÚBLICO RESPONDENTE..... 42

4.2 PERCEPÇÃO SOBRE A FIGURA DO PASTOR EVANGÉLICO POR DIFERENTES VOZES..... 46

4.3 ANÁLISE INTERPRETATIVA DA PERCEPÇÃO DO *ETHOS* PASTORAL..... 60

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 62

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 64

ANEXOS..... 67

Dedico este trabalho ao estimado pastor e amigo, Fernando Ramos dos Santos, por sua presença nas mais significativas memórias de minha caminhada, constituindo-se como uma relevante referência para o meu ministério.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, por sua infinita bondade, chamado, capacitação e graça sobre a minha vida.

À minha amada esposa Raquel, minha melhor amiga e maior incentivadora, que caminhou ao meu lado nos dias mais desafiadores, ajudando-me a superar cada obstáculo até aqui.

À minha mãe, Ana Maria, que acompanhou os primeiros passos dessa jornada desde a minha vinda para São Paulo e que, mesmo distante, sempre me fortaleceu com suas orações, palavras de carinho e incentivo. Também, ao meu padrasto Jair, homem íntegro, destemido e acolhedor, zeloso por nossa família.

Aos meus irmãos, Wanderson, Aldair e Ana Luiza, pelo apoio durante todo esse processo. À minha cunhada Bruna, instrumento de Deus em importantes etapas da minha vida.

À Primeira Igreja Batista em Pinheiros, com seus pastores (com destaque ao pastor Celso Eronides) e seus membros, irmãos queridos que me sustentaram com orações, apoio e oportunidades que contribuíram para o meu crescimento pessoal e ministerial, abrindo portas para minha jornada com o ministério Habite Juventude, pelo qual também sou grato.

Aos meus amigos de Teófilo Otoni - MG, pelo incentivo constante e amizade sincera.

Ao meu amigo Guilherme Eugênio, que me acolheu como irmão e membro de sua família, compartilhando comigo momentos que marcaram profundamente minha trajetória.

Ao meu amigo Giorgio Shiraishi, pelo suporte e presteza em diversos momentos do desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas de sala, funcionários e professores da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, pelas experiências compartilhadas, apoio, ensinamentos e incentivo ao amor pela Obra do Senhor e pela vocação ministerial.

À professora Dra. Liliane Barros Oliveira Delorenzi, por sua diligente orientação acadêmica, excelência no ensino e testemunho cristão refletido em sua vida e caráter, além da sincera amizade construída ao longo desta caminhada.

A cada um, registro meu sincero reconhecimento e gratidão.

"Não assumam a responsabilidade do governo das almas aqueles que não colocam em prática na própria vida o que aprenderam com o estudo." (Gregório Magno, 2014, p. 25).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1 - Com qual tradição cristã você mais se identifica? ……..…42
Gráfico 1.2 - É membro de uma igreja evangélica? ……..…42
Gráfico 1.3 - Caso tenha respondido “sim” na pergunta anterior, qual o tempo de conversão?.....43
Gráfico 1.5 - Com que frequência você participa de atividades religiosas presenciais ou on-line?.....45
Gráfico 1.4 - Qual é a sua faixa etária?.....45
Gráfico 2.1 - Os pastores evangélicos são percebidos como figuras de liderança dentro de suas comunidades religiosas…….46
Gráfico 2.3 - A figura do pastor é associada à honestidade e à integridade ética….47
Gráfico 2.6 - Pastores evangélicos exercem forte influência sobre as decisões pessoais dos membros de suas igrejas……48
2.7 A atuação do pastor evangélico é percebida como transparente em relação ao uso de recursos financeiros da igreja……50
2.8 Pastores evangélicos utilizam sua posição religiosa para obter benefícios pessoais ou financeiros……50
2.9. A exposição de pastores evangélicos nas mídias brasileiras influencia a forma como eles são percebidos socialmente……53
2.10. A mídia brasileira contribui para uma imagem negativa dos pastores evangélicos……54
2.13. A figura do pastor exerce influência sobre a decisão político-partidária de seu contexto social……57
2.14. O envolvimento de pastores com a política teve um impacto negativo em sua percepção pública……58
2.15. Os pastores devem ser vistos nas esferas públicas, atuando no âmbito legislativo e executivo, seguindo carreira política……58

RESUMO

A presente pesquisa analisa o *ethos* do pastor evangélico e sua relação com a atual crise de credibilidade ministerial, a partir de uma abordagem socioteológica à luz da Bíblia. Dessa forma, pautando-se na obra *Ética a Nicômaco* (2014) *e Retórica* (2005), de Aristóteles e nos escritos de Richard Baxter (2005) e Paul David Tripp (2024), além do embasamento bíblico, o estudo compreende o *ethos* pastoral como o conjunto de valores éticos, espirituais e morais que orientam a vida e o ministério do líder cristão, investigando de que maneira a negligência desses fundamentos contribui para o enfraquecimento da confiança na liderança evangélica contemporânea. Para tanto, a pesquisa fundamenta-se principalmente nas recomendações pastorais de Paulo em 1 Timóteo 3.2-7, além do diálogo com autores da teologia pastoral, ética cristã e filosofia. O trabalho também apresenta uma análise da percepção pública acerca da figura pastoral, considerando aspectos relacionados à autoridade espiritual, integridade moral, influência midiática e envolvimento político. Conclui-se que a restauração da credibilidade ministerial depende do retorno aos princípios bíblicos que sustentam o caráter, a coerência e a integridade do pastor no exercício de seu ministério.

Palavras-chave: *Ethos* pastoral. Credibilidade ministerial. Liderança cristã. Ética pastoral. Integridade.

ABSTRACT

This research analyzes the ethos of the evangelical pastor and its relationship with the current crisis of ministerial credibility from a socio-theological approach in the light of the Bible. Thus, based on the works Nicomachean Ethics (2014) and Rhetoric (2005), by Aristotle, as well as the writings of Richard Baxter (2005) and Paul David Tripp (2024), in addition to the biblical foundation, the study understands pastoral ethos as the set of ethical, spiritual, and moral values that guide the life and ministry of the Christian leader, investigating how the neglect of these foundations contributes to the weakening of trust in contemporary evangelical leadership. To this end, the research is primarily based on Paul's pastoral recommendations in 1 Timothy 3.2–7, along with dialogue with authors in pastoral theology, Christian ethics, and philosophy. The study also presents an analysis of public perception regarding the pastoral figure, considering aspects related to spiritual authority, moral integrity, media influence, and political involvement. It concludes that the restoration of ministerial credibility depends on a return to the biblical principles that sustain the pastor's character, coherence, and integrity in the exercise of ministry.

Keywords: Pastoral ethos. Ministerial credibility. Christian leadership. Pastoral ethics. Integrity.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, observa-se um cenário crescente de questionamentos acerca da integridade moral e espiritual de pastores, tanto por parte da sociedade quanto no interior das próprias igrejas. Escândalos, incoerências entre discurso e prática, desvios éticos, vários fatores têm contribuído para um enfraquecimento da confiança na figura pastoral. Diante desse quadro, tornou-se pertinente investigar em que medida essa crise está relacionada ao distanciamento dos fundamentos bíblicos que estruturam o *ethos* pastoral, compreendido, neste trabalho, como o conjunto de disposições éticas, espirituais e morais que orientam a vida e o ministério do líder cristão, bem como sua relação direta com a atual crise de credibilidade que atinge a liderança evangélica no contexto contemporâneo.

Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar o *ethos* pastoral à luz das Escrituras, especialmente das epístolas pastorais, a fim de compreender sua relação com a crise de credibilidade ministerial na contemporaneidade. Para isso, buscou-se, de forma específica, definir e apurar o conceito de *ethos* sob a perspectiva social e teológica à luz da Bíblia; investigar o contexto histórico, social e eclesiástico; apontar caminhos para a restauração de um ministério fundamentado na integridade, na fidelidade ao texto bíblico e na coerência entre vida e mensagem; e, por fim, reafirmar que a autoridade pastoral encontra sua legitimidade no caráter daquele que serve.

Para isso, a pesquisa baseou-se, fundamentalmente, nas epístolas pastorais do Novo Testamento, atribuídas ao apóstolo Paulo em 1 Timóteo 3.1-7, uma vez que esses escritos apresentam diretrizes claras quanto ao caráter, à conduta e à integridade exigidos àqueles que exercem liderança na igreja, evidenciando que a autoridade espiritual não se fundamenta meramente em funções institucionais, mas está intrinsecamente ligada ao testemunho pessoal do ministro.

Logo, embora a ética pastoral envolva múltiplas dimensões, incluindo aspectos sociológicos, psicológicos e institucionais, este estudo delimitou-se ao campo da teologia pastoral e da ética cristã, com ênfase na análise do caráter e da vida do pastor como expressão de seu *ethos*. Dessa forma, não se pretendeu esgotar todas as causas da crise ministerial, mas concentrar-se na investigação dos

fundamentos teológicos que sustentam, ou deveriam sustentar, a credibilidade do ministério pastoral.

A problematização da pesquisa emergiu justamente dessa tensão: como compreender o *ethos* pastoral à luz das Escrituras e de que forma sua negligência contribui para a perda de credibilidade ministerial? A partir dessa questão central, outras indagações se desdobraram: o que define o caráter de um líder cristão segundo o ensino bíblico? De que maneira a conduta pastoral influencia sua autoridade diante da igreja e da sociedade? Quais princípios são estabelecidos nas epístolas pastorais como essenciais para o exercício íntegro do ministério? E, por fim, é possível que a recuperação desses fundamentos contribua para a restauração da confiança na liderança pastoral?

Como hipótese, partiu-se da compreensão de que a atual crise de credibilidade ministerial está profundamente associada ao afastamento dos líderes cristãos dos princípios bíblicos que estruturam o *ethos* pastoral. As Escrituras indicam que o ministério não se sustenta apenas em habilidades técnicas, carisma ou capacidade de liderança, mas, sobretudo, em uma vida marcada pela integridade, maturidade espiritual e coerência entre ensino e prática. Assim, pressupõe-se que o enfraquecimento da confiança na liderança eclesiástica decorre, em grande medida, da negligência desses fundamentos, e que sua restauração depende diretamente do retorno a esses princípios.

Assim, a escolha do tema se justifica tanto por sua relevância teológica quanto por sua urgência prática. O contato com realidades ministeriais marcadas por crises de confiança evidencia a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre o caráter pastoral e suas implicações no exercício do ministério. Além disso, em um contexto em que a imagem pública do pastor tem sido constantemente questionada, torna-se essencial resgatar a compreensão bíblica da liderança cristã, a fim de promover uma prática ministerial mais saudável e coerente com os valores do Evangelho.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa dialoga com áreas como teologia pastoral, ética cristã e hermenêutica bíblica, contribuindo para a construção de um referencial teórico que auxilie tanto na formação de líderes quanto na reflexão crítica sobre o ministério. No âmbito eclesiástico, o estudo buscou oferecer subsídios para a edificação da igreja, ao apontar caminhos para a restauração da credibilidade e da autoridade espiritual de liderança.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionados referenciais teóricos fundamentais no campo filosófico, destacando-se as contribuições de Aristóteles, especialmente em suas obras *Ética a Nicômaco* (2014) *e Retórica* (2005), que fornecem bases conceituais para a compreensão do *ethos* e, no campo teológico e ministerial, serão considerados autores como Richard Baxter (2005), Paul David Tripp (2024) e outros estudiosos da ética e liderança cristã, além do uso central do texto bíblico.

A estrutura do trabalho foi organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz a introdução com a exposição do desenvolvimento da pesquisa. O segundo capítulo aborda os fundamentos sociais e filosóficos do conceito de *ethos*, estabelecendo as bases teóricas necessárias para a compreensão do tema. O terceiro capítulo estuda o *ethos* pastoral em seu contexto histórico, social e eclesiástico, destacando aspectos como caráter, integridade e conduta do líder cristão. Por fim, o quarto capítulo apresenta uma análise da percepção pública acerca da figura pastoral, com base na pesquisa realizada, buscando relacionar esses dados com as reflexões teológicas desenvolvidas ao longo do trabalho.

Metodologicamente, a pesquisa se caracterizou como bibliográfica, fundamentando-se na análise e na interpretação de obras teológicas, textos bíblicos e produções acadêmicas relevantes. Esse método permitiu a construção de um arcabouço teórico consistente, capaz de sustentar a análise proposta e oferecer uma compreensão aprofundada acerca do *ethos* pastoral e sua relação com a crise de credibilidade ministerial.

2. *ETHOS:* FUNDAMENTOS SOCIAIS E FILOSÓFICOS

A influência exercida por figuras de destaque em diferentes esferas da sociedade constitui um fenômeno que ultrapassa a simples transmissão de ideias, alcançando dimensões éticas, morais e sociais profundamente enraizadas na construção da confiança pública. A conduta de um líder, seja no âmbito religioso, político ou comunitário, não apenas orienta comportamentos, mas também molda percepções, valores e padrões de referência coletiva. Nesse contexto, a credibilidade torna-se elemento central na conexão entre o orador e o público, sendo construída tanto pela convivência quanto pela forma como a mensagem é comunicada.

Essa relação entre caráter e influência remete diretamente ao conceito de *ethos* que encontra-se em *Retórica,* de Aristóteles (2005), onde o filósofo grego apresenta o *ethos* não apenas como um recurso retórico, mas como expressão do caráter moral e da identidade social de quem fala. Para Aristóteles, o *ethos* envolve a maneira pela qual o sujeito se apresenta, os valores que demonstra sustentar e a coerência entre discurso e prática, de modo que a confiança pública não se estabelece apenas pelo conteúdo da fala, mas pela percepção de integridade e autoridade moral daquele que a profere.

Dessa forma, este capítulo tem como objetivo explorar o conceito de *ethos* em sua dimensão mais ampla, partindo de fundamentos sociológicos e filosóficos que explicam sua formação e desenvolvimento na sociedade. Será apresentada sua evolução conceitual, bem como sua relevância na constituição de identidades coletivas, com especial atenção à identidade cristã. Além disso, abordaremos a contribuição de Aristóteles (2005), especialmente a partir de sua obra Retórica, na qual o *ethos* é compreendido como um dos principais meios de persuasão, configurando-se não apenas como atributo pessoal, mas como elemento estratégico na construção do convencimento.

Importante ressaltar que o conceito de *ethos* não está restrito apenas ao campo da oratória ou às técnicas de comunicação. Ele está diretamente ligado à maneira como as pessoas vivem, se comportam[1] e são percebidas dentro da

[1] Nessa mesma linha, Blackburn (1997) define a ética (pontuando sua etimologia grega como "*ethos*" - caráter) como o "Estudo dos conceitos envolvidos no raciocínio prático: o bem, a ação correta, o dever, a obrigação, a virtude, a liberdade, a racionalidade, a escolha".

sociedade. O *ethos* se manifesta nas atitudes, nas escolhas diárias e na coerência entre aquilo que se fala e aquilo que se pratica (Aristóteles, 2005). Por isso, compreender o *ethos* é fundamental para entender como a confiança é construída e mantida, especialmente quando se trata de liderança. No contexto cristão, essa questão se torna ainda mais relevante, pois a mensagem anunciada precisa estar alinhada ao testemunho de vida daquele que a proclama. Assim, estudar o *ethos* significa refletir sobre caráter, responsabilidade e influência, reconhecendo que a credibilidade de um líder não depende apenas de suas palavras, mas principalmente da integridade demonstrada em sua conduta.

2.1 ORIGEM FILOSÓFICA DO CONCEITO DE *ETHOS*

Para esclarecer o conceito de *ethos*, é importante recorrermos, antes de mais nada, à interpretação dada por Aristóteles (2005), sendo ele claramente o precursor de uma elaboração conceitual.

Conforme o entendimento do filósofo, existem três espécies de provas utilizadas pelo orador para persuadir seu enunciatário, sendo elas: a que encontra-se no caráter do orador, que é chamado de *ethos*; as admirações que são despertadas no ouvinte, o *pathos*; e também a capacidade de convencer o ouvinte de forma racional demonstrando que algo é verdadeiro, o *logos*. No entanto, será abordado neste trabalho apenas uma das espécies de persuasão, o *ethos*, a fim de elucidar esse apelo ético do discurso.

Aristóteles (2005, p. 95-97) defende que a abordagem do termo *ethos* está essencialmente relacionada à retórica, indicando ser indispensável o sujeito-enunciador, em sua fala, elabore uma imagem positiva de si mesmo com o objetivo de persuadir seu enunciatário, isto é, a persuasão que ocorre quando o enunciador se coloca numa posição de influência sobre o enunciatário, utilizando formas que demonstrem o seu caráter irrepreensível, credibilidade e, consequentemente, a sua autoridade moral diante daquele público.

Neste caso, o enunciatário equivale a figura do ouvinte, sendo o destinatário do discurso. Principalmente na obra *Retórica* (2005), Aristóteles entende a linguagem como algo sempre dirigido a alguém e que o sentido do discurso depende do ouvinte ou do público, pois na sua ótica, não existe fala

neutra, pois toda fala possui um destinatário implícito. Além disso, na mesma obra, ele afirma que o caráter moral do orador, o *ethos*, é um dos principais meios pelos quais o discurso persuade o público.

> Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão. (Aristóteles, 2005, p. 96).

Além do caráter moral do orador, Aristóteles enfatiza que o *ethos* é também, de alguma forma, uma qualidade notada pelo público, que se consolida na interação entre quem fala e quem ouve. Isto é, a confiança do enunciatário não está baseada apenas na virtude[2] do orador, mas na forma como essa virtude é exposta no discurso. Dessa forma, o *ethos* combina elementos de caráter pessoal com efeitos comunicativos, tornando-se um instrumento central da persuasão, capaz de influenciar decisões e opiniões mesmo em situações de incerteza ou falta de conhecimento adequado.

É importante ressaltarmos que, na ótica aristotélica, o *ethos* não é um atributo estático, mas dinâmico e contextual (Aristóteles, 2005, p. 96-99). O orador precisa adaptar seu discurso às circunstâncias e ao público específico, demonstrando não apenas honestidade, mas também discernimento, prudência e sensibilidade às expectativas alheias. É interessante que o orador se coloca numa posição de agente perceptivo, desempenhando o papel de termômetro social. Essa atitude evidencia que o *ethos* é tanto uma expressão do caráter individual quanto uma estratégia retórica, que depende da percepção e avaliação constante do enunciatário.

Por fim, a conceituação aristotélica de *ethos* demonstra a interdependência entre ética, comunicação e sociedade. O caráter moral do orador não existe isoladamente: ele se realiza no contexto do discurso e na resposta do público. O *ethos*, portanto, não é apenas uma qualidade interna do sujeito, mas uma função

---

[2] Audi (2006) explica que para Aristóteles "[...] significa algo como excelência e se aplica a muitas coisas além do homem [...] Resumindo, a excelência de uma coisa é questão de quão bem ela realiza as suas funções características, ou, podemos dizer, quão bem ela realiza a sua natureza".

relacional e social, que reflete valores culturais e normas compartilhadas. Essa compreensão permite analisar o *ethos* como um conceito multifacetado, que articula moralidade, credibilidade e influência social de forma conjunta, fundado na credibilidade e no caráter que o orador desempenha através do discurso, resultando numa confiança conquistada perante o auditório.

2.2 *ETHOS* E FORMAÇÃO DO CARÁTER

A função desempenhada pelo *ethos* nessa posição vai além da noção estritamente individual de caráter para se adequar como sendo uma imagem discursivamente construída e socialmente legitimada. Nesse caso, a aceitação depende dos meios em que o discurso é realizado e de quais técnicas são adotadas pelo orador. Se a fala foi elaborada dentro de padrões que o ouvinte tem como princípios que norteiam o caráter, então será adquirida a atenção, observação e valorização do seu discurso, resultando, assim, numa forma de poder de persuasão comportamental, a qual passa a exercer pressão normativa sobre os padrões sociais e morais.

Vale ressaltar que o *ethos* se constitui a partir de valores compartilhados, expectativas sociais e padrões morais que acabam orientando o reconhecimento da legitimidade do orador ou de quem fala. Desse modo, a pessoa projeta de forma intencional determinada maneira de ser —habilidoso, íntegro, colaborativo, profissional, equilibrado—, a fim de alcançar as exigências do público ao qual está se dirigindo e o que se espera dele.

Na construção social, o *ethos* depende do que é considerado confiável, certo ou errado em determinado local. Sabemos que isso é um pouco subjetivo, pois cada meio social possui seus próprios critérios de validação, seja na esfera política, religiosa ou social.

> A imagem que o sujeito-enunciador deseja transmitir ao seu enunciatário pode, às vezes, não ser alcançada, isto é, pode não alcançar o efeito de sentido por ele desejado. (Batista, 2013, p. 58)

Na reflexão aristotélica proposta por Solange Vergniéres (1998), em *Ética e política em Aristóteles*, o conceito de *ethos* é fundamental para entender a correlação entre caráter, ética e persuasão. Para Aristóteles, conforme analisado por Vergniéres, o *ethos* não é basicamente uma característica de temperamento

resultante da natureza ou da educação, mas primeiramente um caráter moral que se revela nas ações e determinações do sujeito. Essa formação ética do indivíduo é um aspecto fundamental tanto na vida moral quanto na vida política, pois é por meio dela que se resulta a confiança e a legitimidade no contexto social e discursivo.

Nesse sentido, a virtude, enquanto disposição habituada para agir de acordo com o meio termo racional, é um elemento de formação do *ethos*. Ao atuar de maneira virtuosa[3], o sujeito demonstra coerência entre princípios e ações, o que proporciona uma autoridade ética e comportamental que vai além de simples competência técnica ou retórica. Essa autoridade moral é justamente o que torna persuasivo o discurso do agente, pois ele apresenta-se como alguém do qual o caráter inspira confiança, credibilidade e que age em conformidade aos valores socialmente reconhecidos.

Dessa maneira, na ética aristotélica, a persuasão encontra sua força também no modo como o sujeito incorpora virtudes em seu comportamento habitual e prático. Quando o orador ou agente social manifesta uma vida virtuosa, ele se torna um exemplo moral, sua palavra tem impacto porque é percebido um caráter moralmente sólido e confiável. É possível observar que, para Aristóteles (2014), a relação entre caráter e persuasão mostra que o agente moral eficaz não é apenas aquele que fala bem e, consequentemente, possui boa oratória, mas aquele que vive de acordo com os preceitos ou ideais que defende, construindo um *ethos* tanto como um princípio ético quanto um elemento persuasivo no discurso e nas práticas e relações sociais.

2.3 *ETHOS* NO CONTEXTO SOCIAL

A análise sobre o *ethos* no contexto social faz-se necessária para que retornemos à sua fundamentação em Aristóteles, ele estabelece que a virtude moral não é originária, mas adquirida pelo hábito, resultando de um processo formativo que ocorre no meio social de uma vida comunitária. O caráter, identificado como *ethos*, constitui-se, portanto, na conexão entre disposição individual e estrutura social. Essa perspectiva é aprofundada por Vergnières (1998), ao mostrar que, no

[3] “Maneira virtuosa” refere-se à ação do indivíduo de acordo com a virtude, escolhendo o meio-termo racional entre excesso e deficiência, ou seja, agindo de forma equilibrada e consciente, nem exagerando nem sendo insuficiente, conforme a razão prática e a situação exigem (Aristóteles, 2014, *Ética a Nicômaco*, Livro II).

pensamento aristotélico, ética e política são dimensões que não se podem separar da experiência humana.

Na obra *Ética a Nicômaco* (2014), Aristóteles afirma que as virtudes morais são obtidas pelo exercício frequente de ações orientadas pela razão. Segundo o filósofo, "é a realização de atos justos que nos torna justos, a de atos moderados que nos torna moderados, a de atos corajosos que nos torna corajosos" (Aristóteles, 2014, p. 82). Tendo essa base, é possível observar que o *ethos* não se constrói de forma espontânea, mas por meio de práticas reiteradas e orientadas por normas compartilhadas no convívio comunitário e social.

Importante lembrar que Aristóteles (2014) sustenta que o bem humano só pode ser plenamente alcançado no interior da comunidade política. A felicidade (*eudaimonia*) não corresponde a um estado isolado da interioridade, mas à realização da excelência humana em um contexto social estruturado. A justiça, analisada como virtude central, exerce um papel muito relevante na relação com o outro, evidenciando que a ética possui natureza essencialmente pública.

A leitura de Vergnières (1998) reforça essa interpretação ao expor que, para Aristóteles, a formação moral depende da estrutura política. A lei possui função pedagógica, ou seja, como método de ensino ou instrução, orientando os cidadãos para a prática do bem. Nessa situação não se trata apenas de ter comportamentos regulamentados externamente, mas de modelar disposições internas. Assim, normas, costumes e instituições consolidam a estruturação do *ethos*.

É possível afirmar, portanto, que o *ethos* é resultado de um processo de aquisição internalizada de práticas culturais. Então ele surge da incorporação de valores e práticas compartilhadas, que definem o que é considerado justo, honroso e virtuoso. A cultura, entendida como conjunto de hábitos coletivos estabelecidos historicamente, fornece o ambiente no qual o caráter individual se forma. O *ethos* é, nesse sentido, ao mesmo tempo pessoal e social: pessoal sendo disposição do sujeito; social como efeito de normas e instituições (Aristóteles, 2014).

Se a formação do *ethos* ocorre no interior da vida comunitária, sua efetivação depende do reconhecimento mútuo. A ética aristotélica ressalta a importância da amizade (*philia*) como um espaço privilegiado para o exercício da virtude. Nos Livros VIII e IX de *Ética a Nicômaco*, Aristóteles demonstra que a “vida boa” pressupõe relações baseadas na reciprocidade e na confiança, sendo a amizade

perfeita possível apenas entre aqueles que se reconhecem mutuamente como virtuosos (Aristóteles, 2014).

Dessa forma, o *ethos* não permanece restrito à interioridade do agente. Ele se manifesta publicamente e é avaliado pela comunidade. A credibilidade moral depende da relação e coerência entre ações e disposições, sendo validada pela percepção do outro. A confiança surge como elemento estruturante da convivência ética, pois a vida política pressupõe a possibilidade de confiar na palavra e na conduta alheias.

É possível ampliar a dimensão relacional do *ethos* a partir da análise do discurso desenvolvida por Batista (2013), em *Ethos discursivo de São Bernardo de Claraval*, ao examinar a construção da autoridade de Bernardo de Claraval, o autor demonstra que o *ethos* não é apenas uma qualidade moral prévia, mas também uma imagem construída diante do público. A autoridade espiritual de São Bernardo se consolida na medida em que seu discurso projeta coerência, integridade e fidelidade aos valores defendidos.

Diante disso, confiança e autoridade revelam-se como efeitos sociais do *ethos*. Elas surgem da interação entre prática moral e reconhecimento coletivo. O caráter só se torna efetivamente social quando é percebido, interpretado e validado pelos outros. O *ethos* é, portanto, formado pelo relacionamento, no qual a força depende da dinâmica do reconhecimento.

A dimensão social do *ethos* torna-se mais complexa quando considerada à luz da linguagem. A vida política, nesse contexto, envolve a constituição de normas compartilhadas que orientam a convivência e estruturam a compreensão do justo e do injusto. Considera-se, assim, que a linguagem não é um mero instrumento neutro, mas um meio fundamental da experiência ética, pois por meio dela normas são transmitidas, decisões são justificadas e valores são ensinados e apreendidos. Nesse processo, o desenvolvimento do caráter ocorre, na maioria das vezes, em contextos discursivos, como a educação, a legislação e o debate público, nos quais se consolida a compreensão coletiva do bem. Essa dimensão normativa da vida ética pode ser observada quando Aristóteles afirma que "o justo, portanto, significa o legal e o igual ou equitativo, e o injusto significa o ilegal e o desigual ou não equitativo" (Aristóteles, 2014, p. 180). Tal definição evidencia que a justiça não se reduz a uma disposição individual, mas depende de critérios socialmente estabelecidos e compartilhados, os quais são continuamente transmitidos e

estabilizados por meio da linguagem. Assim, o *ethos* é influenciado pela linguagem desde sua constituição, uma vez que é nela que se formam e se comunicam as noções fundamentais de justiça que orientam a vida em comunidade.

Na visão desenvolvida por Batista (2013), o *ethos* discursivo demonstra que a identidade moral é construída no ato da enunciação. O sujeito, ao falar, apresenta-se como digno ou não de confiança. A autoridade não decorre apenas de qualidades interiores, mas da maneira como o discurso articula valores compartilhados e expectativas do público. A linguagem torna-se, assim, uma forma de legitimação simbólica utilizada.

É interessante observar que o *ethos* social não se pode separar da esfera da linguagem. É na interação discursiva que reputações se constroem, que normas são reafirmadas e que posições de autoridade se consolidam. A linguagem constitui o meio pelo qual o caráter se torna visível e socialmente reconhecível.

2.4 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE *ETHOS*

A compreensão do *ethos*, conforme apresentada por Aristóteles, encontra sua origem no campo da retórica, sendo inicialmente concebida como um dos principais meios de persuasão, fundamentado no caráter do orador. No entanto, ao longo do tempo, esse conceito passou por um processo de ampliação teórica, deixando de ser compreendido apenas como um recurso discursivo e passando a ser analisado também como uma construção social, histórica e simbólica. Na tradição clássica, o *ethos* estava diretamente ligado à credibilidade do sujeito no momento da enunciação. Aristóteles (2005) enfatiza que o caráter do orador se manifesta no discurso e é nele que se constrói a confiança do público. Contudo, abordagens contemporâneas ampliam essa perspectiva ao considerar que o *ethos* não se restringe ao ato de fala, mas envolve também elementos prévios e posteriores à enunciação, incluindo a reputação social, a trajetória de vida e o contexto cultural no qual o sujeito está inserido.

Nesse sentido, a análise do discurso contribui significativamente para a evolução do conceito. Batista (2013), ao tratar do *ethos discursivo*, demonstra que a imagem do sujeito é construída na interação com o público, sendo resultado não apenas de qualidades morais intrínsecas, mas da forma como essas qualidades são projetadas e interpretadas socialmente. O *ethos*, portanto, passa a ser entendido

como uma construção dinâmica, que se estabelece na relação entre sujeito, discurso e audiência. No contexto contemporâneo, essa construção do *ethos* assume novas configurações, especialmente com o avanço das tecnologias digitais e das redes sociais. A visibilidade ampliada e a constante exposição transformam a maneira como a imagem do sujeito é construída e percebida. O *ethos*, nesse cenário, passa a ser continuamente negociado e reconstruído em ambientes virtuais, nos quais a imagem pública pode ser tanto fortalecida quanto fragilizada com grande rapidez.

Dessa forma, observa-se que o conceito de *ethos* evolui de uma noção estritamente retórica para uma categoria mais ampla, que envolve dimensões éticas, sociais, discursivas e culturais. Essa evolução permite compreender que o *ethos* não é apenas aquilo que o sujeito é, mas também aquilo que ele constrói, comunica e representa diante dos outros. Tal compreensão é fundamental para a análise de figuras que ocupam posições de destaque, nas quais o caráter individual se torna referência coletiva, como é o caso do pastor evangélico.

2.4.1 Do *ethos* geral ao *ethos* individual: a figura do pastor evangélico

A evolução do conceito de *ethos* permite compreender a transição de uma dimensão coletiva e social para sua concretização em sujeitos específicos que ocupam posições de referência.

Nesse sentido, é possível afirmar que existe uma relação intrínseca entre o *ethos* coletivo e o *ethos* individual. O primeiro estabelece os parâmetros normativos que orientam o comportamento, enquanto o segundo representa a incorporação concreta desses valores por um sujeito. Assim, o indivíduo não constrói seu *ethos* de forma isolada, mas em diálogo constante com as expectativas e exigências do meio em que está inserido. A análise do discurso, conforme desenvolvida por Batista (2013), reforça essa compreensão ao demonstrar que o *ethos* não é apenas uma qualidade interna, mas uma imagem construída diante do público. No caso de líderes religiosos, essa construção assume uma dimensão ainda mais significativa, uma vez que sua autoridade está diretamente relacionada à percepção de integridade e coerência entre discurso e prática.

Dessa forma, a figura do pastor evangélico representa um caso específico de materialização do *ethos* individual. Ele não apenas participa de um conjunto de valores compartilhados pela comunidade cristã, mas é chamado a vivenciá-los de

maneira exemplar. Seu *ethos* ultrapassa a esfera privada, tornando-se referência para a formação espiritual e moral da comunidade[4]. Esse processo de "afunilamento" do *ethos*, do coletivo ao individual, evidencia que a liderança não se sustenta apenas em estruturas institucionais, mas na credibilidade construída ao longo do tempo. O pastor, nesse sentido, não é apenas um transmissor de conteúdos, mas um agente cuja vida se torna parte integrante da mensagem que proclama.

Assim, compreender o *ethos* em sua dimensão individual é fundamental para analisar a condução e coordenação pastoral. Essa abordagem permite reconhecer que a influência exercida pelo pastor não decorre apenas de sua função, mas da maneira como seu caráter é percebido, interpretado e validado pela comunidade. Essa constatação conduz diretamente à necessidade de investigar o *ethos* pastoral em seu contexto histórico, social e eclesiástico, tema que será desenvolvido no capítulo seguinte.

[4] É como Gula (2001) indica, trazendo uma máxima da teologia moral católica, "*agere sequitur esse*: agimos de acordo com o que somos".

3. O *ETHOS* PASTORAL: CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E ECLESIÁSTICO

A reflexão acerca do *ethos*, desenvolvida no capítulo anterior a partir de seus fundamentos filosóficos e sociais, conduz naturalmente à sua aplicação no contexto específico da liderança cristã. Nesse sentido, torna-se necessário investigar como esse conceito se manifesta na figura do pastor evangélico, considerando não apenas sua dimensão teórica, mas também suas implicações práticas no interior da igreja e na relação com a sociedade. O *ethos* pastoral, portanto, não deve ser compreendido como uma abstração conceitual, mas como uma realidade concreta que se expressa na vida, no caráter e na atuação do líder cristão.

Ao longo da história da igreja, a figura do pastor tem sido reconhecida como referência espiritual, moral e comunitária[5]. Sua função ultrapassa a simples transmissão de conteúdos doutrinários, envolvendo também o cuidado, a orientação e a formação espiritual da comunidade. Dessa forma, o *ethos* pastoral assume um papel central, uma vez que a credibilidade do ministério está diretamente relacionada à coerência entre a mensagem proclamada e a vida vivida. Assim, o pastor não apenas ensina valores, mas se torna, ele próprio, uma expressão visível desses valores no cotidiano eclesiástico.

Inicialmente, portanto, discute-se aqui o pastor como referência moral na comunidade cristã, tomando como base o texto de 1 Timóteo 3.2-7, no qual são estabelecidos critérios claros para o exercício do cuidado espiritual. Essa análise permitirá compreender que o fundamento do ministério pastoral não está em habilidades técnicas ou carismáticas, mas em um caráter moldado por princípios espirituais e éticos.

Em seguida, será examinada a relação entre caráter e autoridade ministerial, evidenciando que a legitimidade da liderança pastoral não decorre de sua posição institucional, mas da integridade de sua vida. Nesse sentido, o caráter não aparece como um elemento secundário, mas como o próprio alicerce sobre o qual a autoridade espiritual é construída e reconhecida pela comunidade. A reflexão buscará demonstrar que não há autoridade pastoral autêntica sem coerência entre discurso e prática.

---

[5] Inclusive, para Dam (2019) a figura do presbítero tem exigências morais que vem de bem antes da revelação neotestamentária, encontrando um senso de continuidade com lideranças do Antigo Testamento, tais como os líderes de famílias e os juízes.

Dando continuidade, o capítulo abordará a construção da influência pastoral, compreendendo-a como um desdobramento do *ethos* do líder. A influência, nesse caso, não será tratada como um instrumento de poder, mas como uma consequência natural de uma vida que inspira confiança e credibilidade. Assim, será apontado que a liderança pastoral se consolida ao longo do tempo, por meio de relações, testemunho e fidelidade ao chamado ministerial.

Posteriormente, será analisado o *ethos* pastoral na contemporaneidade, considerando os desafios impostos por um contexto marcado por transformações culturais, avanço das mídias digitais e novas formas de visibilidade. Essa abordagem permitirá refletir sobre as tensões entre autenticidade e performance, bem como sobre os riscos de adaptação inadequada aos padrões culturais vigentes. Nesse cenário, será enfatizada a necessidade de preservar a essência bíblica do ministério pastoral diante das pressões externas.

Por fim, o capítulo tratará dos desafios na formação e manutenção do *ethos* pastoral, revelando as dificuldades enfrentadas pelos líderes no exercício do ministério. Serão considerados aspectos como a pressão por resultados, o ativismo ministerial, o isolamento e a fragilidade da vida espiritual, demonstrando que a construção do *ethos* pastoral exige intencionalidade, disciplina e constante dependência de Deus.

Dessa forma, este capítulo busca oferecer uma compreensão abrangente do *ethos* pastoral, articulando suas bases bíblicas, sua expressão prática e seus desafios no contexto atual. Ao fazê-lo, pretende-se evidenciar que a crise de credibilidade ministerial, que será aprofundada ao longo deste trabalho, não pode ser compreendida sem uma análise cuidadosa do caráter e da vida do pastor, reconhecendo que a autoridade e a influência no ministério cristão estão intrinsecamente ligadas ao *ethos* daquele que lidera.

3.1 O PASTOR COMO REFERÊNCIA MORAL NA COMUNIDADE CRISTÃ

A partir desse ponto, torna-se necessário analisar as características apresentadas no texto bíblico de 1 Timóteo 3.2-7, as quais são estabelecidas como parâmetros para a compreensão do *ethos* pastoral. Tais critérios não são definidos de maneira arbitrária ou conforme percepções humanas, mas são expostas pelas Escrituras como orientações normativas para a vida e o ministério do líder cristão.

Nesse sentido, o apóstolo Paulo descreve as qualidades esperadas daquele que exerce o episcopado, enfatizando não apenas competências ministeriais, mas, sobretudo, um padrão elevado de caráter. Dessa forma, o próprio texto bíblico explicita tais exigências ao afirmar:

> É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, prudente, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro. Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? Não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o diabo. Também deve ter boa reputação perante os de fora, para que não caia em descrédito nem na cilada do diabo. (1 Tm 3.2-7)[6].

A análise desse texto revela que a exigência bíblica para o pastor está profundamente enraizada na sua vida moral. Antes de qualquer habilidade pública, o líder deve ser irrepreensível, equilibrado, respeitável e exemplar em sua conduta. Isso indica que, na comunidade cristã, o pastor não é apenas alguém que ensina princípios éticos, mas alguém que os encarna em sua própria vida[7]. Assim, sua existência cotidiana se torna uma referência visível do evangelho que proclama.

Nesse sentido, a liderança pastoral possui uma dimensão formativa. Azevedo (2001) afirma que “o pastor é, essencialmente, ‘homem de Deus’, provido por Deus para *capacitar seu povo a cumprir* sua missão no mundo” (grifo do autor). A igreja não é moldada apenas pelo conteúdo das mensagens, mas também pela vida daquele que as transmite. A coerência entre discurso e prática torna-se, portanto, essencial para a credibilidade do ministério. Conforme destaca Nemuel Kessler (1996), a ética pastoral não pode ser reduzida a normas externas, mas deve refletir uma vida transformada que sirva de testemunho contínuo à comunidade. Dessa forma, o pastor exerce influência não apenas pelo que diz, mas pelo que vive. A partir dessa perspectiva, compreende-se que o pastor se estabelece como uma referência moral na medida em que sua vida expressa integridade.

Essa integridade não implica perfeição absoluta, mas consistência entre fé professada e prática vivida. A ausência dessa coerência compromete não apenas a

---

[6] Aqui e nas demais citações bíblicas, foi feito uso da NVI (2ª edição de 2011).

[7] Por isso a ênfase no testemunho irrepreensível no testemunho para com os de dentro e fora. Hendriksen (2001) destaca que no conceito de Paulo, para o testemunho com os de fora, o bispo deveria ser “[...] um homem de caráter, um homem contra quem não é possível levantar nenhuma acusação justa de infâmia moral”.

autoridade do líder, mas também a saúde espiritual da igreja. Isso ocorre porque a comunidade tende, consciente ou inconscientemente, a reproduzir os padrões observados em sua liderança.

Essa compreensão encontra respaldo nas reflexões de Paul Tripp (2024), ao afirmar que o ministério pastoral exige uma constante autoavaliação à luz da Palavra de Deus. Para o autor, o pastor não está acima do evangelho que proclama, mas é igualmente dependente de sua ação transformadora. Assim, a vida do líder deve ser continuamente confrontada e moldada pela graça, evitando uma desconexão entre prática ministerial e realidade espiritual pessoal. Tripp (2024) também chama atenção para o risco de uma atuação ministerial na qual o pastor se dedica intensamente ao cuidado dos outros, mas negligencia sua própria vida espiritual. Esse desequilíbrio pode gerar uma aparência de maturidade que não corresponde à realidade interior, criando um cenário perigoso para o ministério. Nesse contexto, a referência moral do pastor não pode ser sustentada apenas por desempenho externo, mas deve emergir de uma vida genuinamente transformada.

Além disso, o texto bíblico enfatiza que o pastor deve possuir boa reputação não apenas dentro da igreja, mas também perante os de fora. Essa exigência amplia o alcance da responsabilidade moral pastoral, demonstrando que sua vida impacta a percepção do evangelho na sociedade. Nemuel Kessler (1996) ressalta que a conduta do pastor possui implicações públicas, pois está diretamente ligada à credibilidade do testemunho cristão. Assim, a ética pastoral ultrapassa o âmbito individual e se torna uma questão comunitária e missionária. Outro aspecto relevante apresentado em 1 Timóteo 3 é a relação entre a vida familiar do pastor e sua capacidade de liderança. O texto estabelece que aquele que não governa bem sua própria casa não está apto a cuidar da igreja de Deus. Essa afirmação demonstra que o caráter não é compartimentalizado, mas integral. A maneira como o pastor conduz sua família reflete sua maturidade espiritual e sua aptidão para o ministério[8].

Nesse ponto, torna-se evidente o contraste com tendências contemporâneas que valorizam excessivamente a performance ministerial. Em muitos contextos, habilidades comunicativas, crescimento numérico e visibilidade são priorizados em

[8] Crabtree (1981) lida com isso de forma bastante direta e confrontativa, afirmando que se o pastor "[...] fracassar como marido ou como pai é impossível que seja eficiente como pastor, embora tenha os dons naturais e o melhor treinamento para a sua profissão."

detrimento da vida pessoal do líder. No entanto, o modelo bíblico apresenta uma lógica inversa: o fundamento do ministério público é a vida privada. Tripp (2024) alerta que essa inversão pode conduzir a um ministério superficial, no qual há sucesso aparente, mas fragilidade espiritual. Dessa forma, o pastor como referência moral não é aquele que apenas ocupa uma posição de autoridade, mas aquele cuja vida reflete a realidade do evangelho. Sua influência é construída ao longo do tempo, por meio de escolhas, atitudes e relacionamentos que demonstram fidelidade a Deus. Esse reconhecimento, por sua vez, contribui diretamente para a formação espiritual da comunidade.

Por fim, é importante destacar que a compreensão do pastor como referência moral estabelece as bases para reflexões mais amplas sobre o ministério. Se, por um lado, o caráter do ministro impacta profundamente a igreja, por outro, é necessário compreender como esse caráter se relaciona com a legitimidade de sua autoridade. Além disso, a influência pastoral e os desafios contemporâneos exigem uma análise mais aprofundada do *ethos* no contexto atual. Tais questões serão desenvolvidas nos próximos tópicos, ao abordar o caráter pastoral como fundamento da autoridade ministerial, a construção da confiabilidade pastoral e as tensões presentes na manutenção do *ethos* pastoral na contemporaneidade.

3.2 O CARÁTER PASTORAL COMO FUNDAMENTO DA AUTORIDADE MINISTERIAL

A reflexão desenvolvida no tópico anterior evidenciou que o pastor, à luz de 1 Timóteo 3.2-7, é chamado a ser uma referência moral dentro da comunidade cristã. A partir dessa compreensão, torna-se necessário avançar na análise, investigando de que maneira esse caráter não é apenas um componente, mas o fundamento da própria autoridade ministerial. Assim, não se trata apenas de reconhecer a importância da integridade pessoal, mas de compreender que a autoridade espiritual do pastor está intrinsecamente enraizada em sua vida diante de Deus. No contexto das Escrituras, a autoridade pastoral não é concebida como mera função institucional ou posição hierárquica, mas como expressão de uma vida moldada pelo evangelho. Diferentemente dos modelos contemporâneos de liderança, frequentemente marcados por desempenho, visibilidade ou carisma, o modelo bíblico estabelece que a legitimidade do líder decorre da coerência entre sua vida e

sua mensagem. Dessa forma, o caráter não é um complemento da autoridade, mas o seu fundamento.

Essa compreensão é reforçada por John Stott (1999), ao afirmar que o ministério cristão se estabelece prioritariamente pelo exemplo, e não pelo exercício de poder. O pastor, portanto, lidera à medida que sua vida se torna um referencial visível do evangelho, sendo reconhecido pela comunidade não apenas por sua função, mas por sua fidelidade. Assim, a autoridade ministerial emerge de uma vida coerente, e não de uma imposição externa. Nessa mesma linha, Nemuel Kessler (1996) destaca que a ética pastoral exige uma integração plena entre vida pessoal e ministério. Para o autor, não há espaço para uma dicotomia entre o ser e o fazer, pois a prática ministerial é, em si, uma extensão da vida do ministro. Dessa forma, qualquer fragilidade no caráter compromete diretamente a autoridade espiritual, uma vez que essa coordenação pastoral deixa de ser sustentada por uma vida autêntica.

A contribuição de Paul Tripp (2024) aprofunda essa discussão ao enfatizar que o pastor precisa ser constantemente confrontado pelo evangelho que proclama. Segundo Tripp, o perigo do ministério está na possibilidade de o líder cuidar de outros enquanto negligencia sua própria alma. Nesse cenário, a autoridade pastoral se torna frágil, pois deixa de fluir de uma vida transformada e passa a depender de desempenho externo. Essa perspectiva evidencia que a autoridade ministerial não pode ser sustentada por habilidades ou resultados. Quando o caráter é substituído por performance, o ministério pode até apresentar crescimento aparente, mas carece de profundidade espiritual. Tripp (2024) alerta que essa desconexão entre vida interior e prática ministerial constitui um dos maiores riscos para a liderança pastoral contemporânea.

Além disso, Timothy Z. Witmer apresenta o labor pastoral como essencialmente relacional, ou seja, centrada no cuidado do rebanho. Para Witmer (2024), a autoridade do pastor está diretamente ligada à sua responsabilidade de conhecer, alimentar, proteger e conduzir o povo de Deus. No entanto, esse cuidado só pode ser exercido de forma legítima quando sustentado por um caráter moldado pelo evangelho. Nesse ponto, a contribuição de Brian Croft (2020) se torna particularmente relevante. Ao tratar das prioridades do ministério pastoral, Croft enfatiza que o pastor deve priorizar sua vida com Deus, sua família e seu chamado

pastoral de forma equilibrada[9]. Essa ordem não é apenas prática, mas teológica, pois revela que o ministério público advém de uma vida pessoal saudável e espiritualizada. Assim, a autoridade ministerial não é construída no púlpito, mas no cotidiano de uma vida disciplinada e fiel.

Croft (2020) também ressalta que o pastor não pode negligenciar as disciplinas espirituais, pois são elas que sustentam sua comunhão com Deus e, consequentemente, sua autoridade espiritual. Como ele afirma:

> Os pastores não devem apenas falar a Palavra de Deus; devem também ser modelos da Palavra, de uma maneira que possam dizer sinceramente a outras pessoas: 'Sigam-me'. Quando um pastor fala com ousadia a Palavra de Deus, deve viver diligentemente o que fala, para que outros o imitem (Croft, 2020, p. 115)

De forma indireta, compreende-se que a ausência dessas práticas enfraquece o ministério, pois rompe a fonte da qual a autoridade deve fluir. Dessa maneira, o caráter pastoral não é algo estático, mas continuamente formado por meio da relação com Deus.

Outro aspecto relevante é que essa conduta não apenas fundamenta a autoridade, mas também a regula. Um pastor cuja índole é moldada pelo evangelho exercerá seu ministério com humildade, serviço e responsabilidade. Isso impede que a autoridade se torne autoritarismo ou abuso de poder. Pelo contrário, ela se manifesta como serviço sacrificial, refletindo o modelo de Cristo.

Por outro lado, a ausência de um comportamento ético coerente produz consequências profundas e, muitas vezes, devastadoras. A quebra de integridade no ministério compromete a confiança da comunidade, enfraquece o testemunho da igreja e gera impactos espirituais duradouros. Kessler (1996) já apontava que a ética pastoral está diretamente ligada à credibilidade do ministério, evidenciando que não há autoridade legítima sem integridade.

Dessa forma, o caráter pastoral deve ser compreendido como o alicerce indispensável da autoridade ministerial. Ele não apenas legitima sua prática ministerial, mas garante que ela seja exercida de maneira fiel aos princípios do evangelho. Sem esse fundamento, qualquer forma de autoridade se torna instável e suscetível a desvios. Essa compreensão conduz naturalmente à reflexão sobre como essa autoridade, fundamentada numa conduta ética (e bíblica), manifesta-se

---

[9] Sobre isso, Wong (1999) destaca que o ministro deve ter humildade para não se sentir um "super-homem", acumulando para si todas as funções e demandas eclesiais, já que isso, inevitavelmente acaba por tensionar a vida do pastor e de sua família.

na prática da vida ministerial. Se a conduta estabelece a base do ministério, é por meio da influência que essa liderança se torna visível e eficaz no contexto comunitário. Assim, torna-se pertinente avançar para a análise da construção da influência pastoral, tema que será desenvolvido no próximo tópico.

3.3 A CONSTRUÇÃO DA INFLUÊNCIA PASTORAL

A partir da compreensão de que o caráter pastoral constitui o fundamento da autoridade ministerial, torna-se necessário avançar na análise, investigando como essa autoridade se traduz em aprovação no contexto da comunidade cristã. Nesse sentido, a capacidade de impacto pastoral não deve ser compreendida como um recurso meramente funcional ou estratégico, mas como uma realidade que emerge do *ethos* do líder, sendo construída progressivamente por meio de sua vida, de suas relações e de sua fidelidade ao chamado ministerial. Diferentemente dos modelos contemporâneos de liderança, frequentemente orientados por desempenho, visibilidade e resultados imediatos, a influência pastoral, à luz das Escrituras, está profundamente enraizada no testemunho de vida. O pastor não exerce seu papel apenas por aquilo que ensina, mas principalmente por aquilo que vive. Assim, sua condução não é imposta, mas reconhecida pela comunidade, sendo fruto de uma relação de confiança construída ao longo do tempo.

Essa compreensão encontra respaldo na perspectiva de John Stott (1999), ao afirmar que o ministério cristão se estabelece prioritariamente pelo exemplo, e não pelo exercício de poder. Nesse sentido, o pastor se torna uma referência não apenas pelo conteúdo de sua mensagem, mas pela coerência entre sua vida e o evangelho que proclama. A capacidade de persuasão, portanto, não decorre de uma posição institucional, mas de uma vida que inspira confiança e imitação.

Na mesma linha, Timothy Z. Witmer (2014) destaca que a labor pastoral é essencialmente relacional e se expressa no cuidado do rebanho, envolvendo conhecer, alimentar, proteger e conduzir. Tais práticas não são apenas funções ministeriais, mas expressões concretas do caráter do líder. Dessa forma, a recepção do pastor é construída no exercício cotidiano do cuidado, no qual o pastor se faz presente de maneira intencional na vida da comunidade.

Além disso, a formação da relevância da voz pastoral não ocorre de maneira imediata, mas ao longo de um processo contínuo. J. Robert Clinton (2012) demonstra que o pastoreio é desenvolvido progressivamente, sendo moldado por experiências, desafios e crescimento espiritual. Assim, o impacto ministerial do pastor está diretamente relacionado ao seu processo de maturidade, não podendo ser dissociada de sua caminhada com Deus.

Nesse sentido, Eugene H. Peterson (2006) enfatiza que o ministério pastoral exige uma vida profundamente enraizada na espiritualidade, na qual esse líder espiritual é, antes de tudo, alguém que vive diante de Deus. Essa dimensão reforça que a condução ministerial não pode ser sustentada por técnicas ou métodos, mas deve proceder de uma vida autêntica, marcada pela comunhão com Deus e pela fidelidade ao chamado.

Outro aspecto relevante é que o exemplo pastoral possui uma dimensão formativa e multiplicadora. A comunidade tende a refletir os valores, prioridades e práticas de sua direção. Desse modo, o *ethos* do pastor não permanece restrito à sua individualidade, mas se expande, moldando a cultura eclesiástica. Conforme aponta Paul David Tripp (2024), há o risco de o ministério pastoral se sustentar em desempenho externo, sem correspondência com a realidade espiritual interior, o que compromete a autenticidade de seu exercício.

Essa realidade se torna ainda mais desafiadora no contexto contemporâneo. Zygmunt Bauman (2001) observa que a sociedade atual é marcada pela fluidez das relações e pela fragilidade dos referenciais éticos, o que intensifica a necessidade de um pastoreio sólido e coerente. Nesse cenário, a influência do pastor não pode ser construída sobre bases instáveis, mas deve estar firmada em princípios duradouros e em um comportamento íntegro.

Ademais, a aprovação ministerial está diretamente relacionada à consistência ao longo do tempo. Não se trata de ações pontuais, mas de uma construção contínua, marcada pela fidelidade nas pequenas práticas e pela perseverança nas responsabilidades diárias. Nesse sentido, Richard Baxter (2005) já enfatizava que o pastor deve cuidar de si mesmo antes de cuidar do rebanho, evidenciando que a autoridade pastoral nasce de uma vida espiritualmente disciplinada e vigilante. É importante destacar que esse papel não deve ser compreendido como um fim em si mesmo, mas como um meio pelo qual o pastor cumpre sua vocação de servir à igreja. Quando orientada pelo evangelho, ela contribui para a edificação do corpo de

Cristo, promovendo crescimento espiritual saudável e fortalecendo a fé da comunidade. Contudo, quando desvinculada do caráter e da verdade bíblica, pode se tornar um instrumento de distorção e enfraquecimento da vida eclesiástica.

Dessa forma, a construção da influência pastoral está intrinsecamente ligada ao *ethos* do líder, sendo resultado de uma vida coerente, relacional e espiritualmente fundamentada. Essa compreensão conduz à necessidade de analisar o contexto contemporâneo, no qual o *ethos* pastoral é constantemente tensionado por novas dinâmicas culturais e eclesiásticas.

3.4 O *ETHOS* PASTORAL NA CONTEMPORANEIDADE

A reflexão acerca da construção da influência pastoral conduz, de maneira inevitável, à análise do contexto no qual ela é exercida. Se, por um lado, o *ethos* pastoral se fundamenta em princípios bíblicos e teológicos permanentes, por outro, sua vivência ocorre em um cenário marcado por profundas transformações culturais, sociais e eclesiásticas. Dessa forma, compreender o *ethos* pastoral na contemporaneidade exige considerar as dinâmicas que caracterizam o tempo presente e que impactam diretamente o exercício do ministério.

A sociedade contemporânea é marcada pela rapidez das mudanças, pela valorização da performance e pela centralidade da imagem, elementos que afetam significativamente as formas de liderança. Nesse contexto, observa-se que, em algumas situações, o pastor tem sua imagem e seu caráter constantemente expostos e avaliados, seja por meio da mídia tradicional, como programas de televisão, seja por plataformas digitais, como *podcasts* e redes sociais, nas quais passa a ocupar também o papel de influenciador[10]. Embora essa visibilidade[11] possa, inicialmente, ter propósitos legítimos e até positivos, ela amplia significativamente a responsabilidade do líder. Como qualquer ser humano, o pastor está sujeito a falhas e pecados; no entanto, devido ao seu alcance, tais falhas podem gerar impactos mais profundos sobre aqueles que o acompanham. Assim,

[10] Fisher (1999), fazendo referência à 1Co 3.4, destaca que o alcance midiático, fomenta certos tipos de partidarismos, como o de se dizer “de Paulo”, ou de “Apolo”, porém com figuras contemporâneas. Isso ajuda a entender que na contemporaneidade, essa visibilidade pastoral é mais acentuada.

[11] Por isso, Silva (2025, p. 129) destaca que o pastor, ainda que esteja em uma posição de visibilidade, não deve se considerar um tipo de celebridade intocável, querendo se exibir pretensiosamente, buscando benefício próprio.

aquilo que poderia ser um instrumento benéfico pode, em determinadas circunstâncias, produzir efeitos prejudiciais.

Nesse cenário, o ministério pastoral corre o risco de ser reinterpretado à luz de categorias externas à sua natureza bíblica, assumindo, por vezes, características mais próximas de modelos empresariais ou midiáticos. Conforme observa Craig Groeschel (2007), há uma tendência entre líderes de projetarem uma imagem de perfeição que não corresponde à realidade, o que compromete a autenticidade do ministério. Diante disso, torna-se indispensável o exercício do discernimento, a fim de que o *ethos* pastoral não seja moldado por expectativas culturais transitórias, mas permaneça firmemente ancorado em princípios duradouros, coerentes com sua base bíblica. Nesse sentido, a exortação paulina em 1 Timóteo 4.16 (NVI) reforça a centralidade dessa postura ao afirmar: “Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem.”

Além disso, observa-se uma crescente fragilidade nas relações interpessoais, bem como uma tendência à individualização da fé, fatores que desafiam a dimensão comunitária do ministério pastoral. Nesse ambiente, o pastor é chamado não apenas a liderar, mas a reconstruir vínculos, cultivar comunhão e promover uma espiritualidade que resista à superficialidade[12]. Nesse sentido, Alfred Poirier (2011) destaca que o pastor exerce papel fundamental na mediação de conflitos e na promoção da reconciliação, evidenciando que o cuidado pastoral envolve lidar diretamente com as tensões relacionais presentes na comunidade. Outro aspecto relevante diz respeito à tensão entre visibilidade e autenticidade. Em um tempo no qual a exposição se tornou um valor amplamente incentivado, o pastor pode ser pressionado a sustentar uma imagem de sucesso e eficiência, em detrimento de uma vida genuína diante de Deus. Paul Tripp (2024) alerta que o ministério pastoral pode se tornar perigoso quando há um distanciamento entre a vida pública e a realidade espiritual do líder. Assim, o *ethos* pastoral não se sustenta na aparência, mas na integridade do caráter e na fidelidade ao chamado.

Ademais, o exercício do ministério no contexto contemporâneo demanda uma redescoberta da liderança pastoral em sua essência bíblica. Russell P. Shedd

[12] Justamente por isso, Silva (2025, p. 128) destaca que o ministério pastoral deve ter como um de seus fundamentos a comunhão, ou seja, um empenho em ter proximidade relacional com o rebanho de Deus, adquirindo o que o autor chama de “cheiro de ovelha”.

(2000) enfatiza que o ministério cristão deve ser fundamentado no serviço, na dependência de Deus e na fidelidade às Escrituras, em contraste com modelos centrados em poder ou status. Da mesma forma, Timothy Z. Witmer (2024) reforça que o pastoreio eficaz está enraizado no relacionamento intencional com o rebanho, o que exige presença, cuidado e compromisso contínuo.

Nessa mesma perspectiva, John Sittema (2008) enfatiza que o ministério pastoral vai além de aspectos administrativos, sendo essencialmente relacional e formativo. Conforme o autor:

> Não é só em Atos 20 que encontramos o tema do caráter pastoral do presbiterato. Ele aparece, talvez de maneira ainda mais incisiva, em 1 Pedro 5.1-4. "Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer" (v. 2). Nessa passagem podemos ver com muito mais clareza a diferença radical entre administrar e pastorear. Administrar é gerenciar, ou seja, aplicar determinados recursos para atingir objetivos cuidadosamente articulados. É, antes de tudo, uma questão de organização e de intelecto. Pastorear, por sua vez, é educar, uma função que envolve cuidado, que exige tanto força quanto mansidão e nasce de um profundo amor pelo bem-estar do rebanho. O bom pastoreio inclui os pés calejados do pastor (hoje seriam pneus carecas?), sua habilidade de usar tanto o cajado quanto a vara (a capacidade de discernir, juntamente com a habilidade de comunicar, necessárias para desafiar, repreender e chamar pessoas ao arrependimento), e a coragem de enfrentar os predadores do rebanho (disposição para encarar desafios que fazem você perder as palavras de tanto medo?). Porém, acima de tudo, o bom pastoreio é um trabalho que vem do coração e depende muito do relacionamento íntimo que existe entre o rebanho e seu pastor na medida em que ouvem a voz dele e o seguem. (Sittema, 2008, p. 17)

Tal compreensão demonstra que o *ethos* pastoral não se restringe a funções organizacionais[13], mas se manifesta no cuidado profundo e contínuo com a comunidade, o que aponta também para o que Brian Croft (2020) nos relata sobre pastores que precisam ser exemplo e, para isso, precisam ter relacionamento com as suas ovelhas, “gastando” tempo com sua comunidade:

> Não podemos ser um exemplo para os outros se não gastamos nosso tempo com eles. Cada vez mais, ouço falar de pastores jovens que estão adotando um modelo de ministério em que dedicam quarenta horas por semana ao seu escritório, delegando coisas como visitação e discipulado a seus diáconos e a outros líderes da igreja. Vejo muitos problemas nessa maneira de lidar com o ministério pastoral, mas um problema óbvio é a falta de tempo gasto com as pessoas da igreja. Como um pastor pode dar um exemplo para seu povo se o vê apenas uma vez por semana? Certamente, um pastor deve preparar-se para pregar a Palavra, mas a Palavra deve ser ministrada tanto pública como particularmente. Um pastor realiza isso com

[13] Strachan e Vanhoozer (2016), inclusive, destacam que existe uma crescente influência da mentalidade empresarial nas igrejas, priorizando eficiência e crescimento como elementos essenciais da empreitada pastoral.

> mais eficácia quando vai aonde seu povo está e gasta tempo com eles. Onde estão as pessoas de sua igreja durante a semana? Talvez você queira encontrar-se com um jovem profissional no local de trabalho dele, ou visitar uma idosa no lar dela e ajudá-la no trabalho do jardim, ou convidar um jovem casal ao seu lar para conversarem sobre os desafios e as alegrias do casamento e da criação de uma família. Permita que vejam o exemplo de sua própria família quando começam a estabelecer a deles mesmos. O pastor deve dedicar tempo às suas ovelhas, se quer ser o exemplo que Deus o chama a ser. (Croft, 2020, p. 110-111)

A reflexão de Croft destaca algo essencial para o ministério pastoral: não é possível pastorear de forma genuína sem proximidade com as pessoas. O autor critica um modelo excessivamente administrativo, no qual o pastor se distancia da comunidade, limitando-se a funções internas. Em vez disso, ele enfatiza a importância da presença, do convívio e do relacionamento cotidiano com o rebanho. O exemplo pastoral não se constrói apenas no púlpito, mas na convivência diária, no cuidado pessoal e no tempo investido nas pessoas. Assim, o pastoreio eficaz exige envolvimento real, disponibilidade e uma vida compartilhada com a comunidade.

3.5 DESAFIOS NA FORMAÇÃO E MANUTENÇÃO DO *ETHOS* PASTORAL

A formação e a manutenção do *ethos* pastoral, embora fundamentadas em princípios bíblicos sólidos, encontram sérios desafios no contexto contemporâneo. Tais desafios não são apenas externos, mas também internos, revelando tensões profundas entre o chamado pastoral e a experiência concreta do ministério. Em muitos casos, o pastor se vê pressionado a sustentar um padrão de liderança que não corresponde à sua realidade espiritual, o que evidencia a distância entre vocação e prática. Craig Groeschel (2007) destaca que um dos maiores perigos do ministério é a construção de uma identidade pastoral baseada na aparência. A necessidade de corresponder a expectativas externas pode levar o pastor a esconder suas fragilidades, criando uma cultura de superficialidade espiritual. Essa postura, além de comprometer a autenticidade, enfraquece o testemunho pastoral e impede um tratamento saudável das próprias limitações.

Essa tensão é agravada quando o ministério passa a ser sustentado por desempenho em vez de dependência de Deus. Paul Tripp (2024) alerta que o pastor está constantemente em risco de trocar sua devoção por eficiência, priorizando resultados em detrimento da comunhão com Deus. Esse deslocamento compromete

diretamente a integridade do *ethos* pastoral, pois transforma o ministério em uma atividade funcional, desvinculada da vida espiritual que deveria sustentá-lo.

Outro desafio relevante diz respeito à negligência da vigilância espiritual pessoal. Richard Baxter (2013), em *O Pastor Aprovado*, enfatiza de maneira contundente que o primeiro e mais importante campo de pastoreio do ministro é a sua própria alma. Para o autor, muitos fracassos ministeriais não decorrem da falta de conhecimento teológico ou de habilidades práticas, mas da ausência de um cuidado diligente com a vida interior. Nesse sentido, Baxter adverte que o pastor que negligencia a si mesmo compromete inevitavelmente seu ministério, pois não pode conduzir outros com segurança aquele que não governa a própria vida espiritual.

Essa perspectiva evidencia que o *ethos* pastoral não pode ser sustentado apenas por práticas externas ou pela execução de atividades ministeriais. Antes, ele exige um exercício contínuo de autoexame, arrependimento e renovação espiritual. Baxter (2013) alerta que o perigo não está apenas em pecados visíveis, mas também em atitudes sutis, como orgulho, frieza espiritual e formalismo religioso, que podem corroer silenciosamente o caráter do líder. Dessa forma, a manutenção do *ethos* pastoral requer uma postura constante de humildade diante de Deus, reconhecendo a própria dependência da graça. Nesse sentido, Brian Croft (2020, p. 113) alerta que “o principal exemplo que damos ao nosso povo é mostrar-lhe que, como pastores, vivemos e respiramos o próprio evangelho”.

Além disso, Baxter (2013) destaca a incoerência como um dos fatores mais destrutivos para o ministério. Quando há discrepância entre aquilo que o pastor ensina e aquilo que ele vive, sua autoridade é profundamente comprometida. Tal incoerência não apenas enfraquece a credibilidade do líder, mas também produz confusão e desânimo na comunidade. Nesse sentido, o testemunho pastoral deixa de ser edificante e passa a ser um obstáculo para a fé dos outros. Assim, a integridade não é apenas uma exigência moral, mas uma necessidade essencial para a eficácia do ministério.

Essa problemática pode ser analisada também à luz das transformações culturais contemporâneas. Zygmunt Bauman (1997), ao tratar da ética pós-moderna, destaca que a sociedade atual é marcada pela relativização dos valores e pela fragilidade dos referenciais morais. Nesse contexto, normas éticas deixam de ser percebidas como absolutas e passam a ser interpretadas de maneira subjetiva e

situacional. Essa realidade impacta diretamente o ministério pastoral, pois o líder exerce sua função em um ambiente onde a estabilidade moral é constantemente questionada.

Diante disso, o pastor enfrenta o desafio de manter um *ethos* sólido em meio a uma cultura que valoriza a flexibilidade ética e a autonomia individual. A pressão para adaptar-se às expectativas culturais pode levar à diluição de princípios bíblicos, comprometendo a fidelidade do ministério. Conforme Bauman (1997) observa, a ética pós-moderna tende a deslocar a responsabilidade moral do campo normativo para o campo da experiência individual, o que dificulta a sustentação de padrões éticos objetivos. Nesse cenário, o *ethos* pastoral precisa ser intencionalmente fundamentado na Palavra de Deus, resistindo às oscilações culturais.

Outro aspecto importante refere-se ao isolamento pastoral. Embora o ministério seja essencialmente relacional, muitos pastores experimentam solidão em sua jornada. Hansen e Robinson (2020) apontam que o seminário frequentemente não prepara o líder para lidar com as pressões emocionais e relacionais do ministério. A ausência de relacionamentos saudáveis e de prestação de contas pode enfraquecer o caráter, tornando o pastor mais vulnerável a quedas morais e espirituais. Nesse sentido, a formação e manutenção do *ethos* pastoral requerem não apenas disciplina individual, mas também inserção em uma rede de relacionamentos que promovam encorajamento, correção e suporte mútuo. A liderança pastoral não pode ser vivida de forma isolada, pois o isolamento tende a produzir distorções na percepção de si mesmo e da realidade ministerial.

Outro desafio significativo está relacionado à gestão das expectativas da comunidade. Muitas vezes, o pastor é visto como alguém que deve atender a padrões elevados e, por vezes, irreais. Essa idealização pode gerar pressão psicológica e espiritual, levando o líder a tentar corresponder a um modelo inalcançável. Groeschel (2007) já destacou que essa expectativa pode levar à construção de uma “máscara pastoral”, na qual o líder esconde suas fraquezas para manter uma imagem de perfeição. Essa dinâmica é prejudicial tanto para o pastor quanto para a igreja, pois impede a vivência de uma espiritualidade autêntica. A tentativa de sustentar uma imagem idealizada compromete a transparência e dificulta o tratamento adequado das fragilidades humanas. Assim, o *ethos* pastoral é afetado não apenas por falhas morais evidentes, mas também pela incapacidade de lidar de maneira saudável com a própria limitação. Conforme colocação de Croft:

> Naturalmente, seu povo colocará você num pedestal e o tratará como um cristão "especial", acima da média, até que você destrua, de forma espontânea e corajosa, esse tratamento reverente diante de seu rebanho. Quando você faz isso e lhes mostra que também luta com o pecado, como eles o fazem, seu povo começará a se conectar com você de um modo especial. E começarão a entender que seu pastor é tão fraco e tão necessitado da graça de Deus quanto eles o são. Ser um exemplo para sua família e seu rebanho não significa fazer tudo certo e nunca cometer erros. Sua família e sua igreja sabem que você é um pecador, mesmo que você nunca reconheça isso. Você não faz tudo certo sempre. Aceite isso, reconheça e seja um modelo de quebrantamento humilde e transparente diante de seu povo, a fim de estabelecer um exemplo do que é andar na graça de Deus. Dependa da graça de Deus e mostre aos outros como descansar na misericórdia de Deus em Cristo. (Croft, 2020, p. 114-115).

Ademais, o ativismo ministerial constitui outro obstáculo relevante. A multiplicidade de demandas, administrativas, pastorais, familiares e sociais pode levar o pastor a um estado de exaustão. Clinton (2000) observa que o desenvolvimento da liderança envolve processos e fases que exigem equilíbrio e maturidade. Quando esse equilíbrio é perdido, o líder pode entrar em um ciclo de produtividade sem profundidade espiritual, comprometendo sua idoneidade ao longo do tempo. Nesse contexto, torna-se evidente que a manutenção do *ethos* pastoral exige intencionalidade e disciplina. Não se trata de um processo automático, mas de uma construção contínua, que envolve escolhas diárias, práticas espirituais e vigilância constante. Como enfatiza Hayford (1998), o ministério pastoral só é frutífero quando está fundamentado em caráter e esperança, e não apenas em desempenho.

Por fim, é importante reconhecer que os desafios na formação e manutenção do *ethos* pastoral não anulam a possibilidade de uma liderança íntegra e fiel. Pelo contrário, eles evidenciam a necessidade de uma dependência ainda maior de Deus[14]. O *ethos* pastoral não é resultado de perfeição humana, mas da ação transformadora da graça na vida do líder. Nesse sentido, a fidelidade pastoral não consiste na ausência de fraquezas, mas na disposição contínua de ser moldado por Deus. Dessa forma, a preservação do *ethos* pastoral requer um compromisso permanente com a vida espiritual, a integridade moral e a fidelidade às Escrituras. Em meio às tensões do contexto contemporâneo, o pastor é chamado a viver de

[14] Por isso, Sathler-Rosa (2004) destaca que o pastor deve se policiar para ir além do “pensar sobre a fé”, que não pode substituir o “viver pela fé”, uma vez que é essa vivência que legitima aquilo que o ministro se propõe a anunciar.

maneira coerente com o evangelho, reconhecendo que sua credibilidade ministerial está profundamente enraizada não apenas no que faz, mas, sobretudo, em quem ele é diante de Deus e da comunidade.

Ao longo deste capítulo, foi possível compreender que o *ethos* pastoral não se constrói apenas a partir de fundamentos teológicos ou da função institucional do pastor, mas também por meio das relações estabelecidas no dia a dia da comunidade de fé. A forma como o líder se posiciona, se comunica e se relaciona com os diferentes públicos influencia diretamente a maneira como seu ministério é percebido. Em um cenário marcado por intensas transformações sociais, culturais e tecnológicas, essa construção torna-se ainda mais desafiadora, exigindo do pastor não apenas fidelidade aos princípios bíblicos, mas também sensibilidade às dinâmicas contemporâneas.

Mediante aos conceitos teóricos apontados até aqui, tornou-se necessário investigar como o *ethos* pastoral tem sido construído e/ou impactado perante às transformações sociais vividas nas últimas décadas. Para tanto, no próximo capítulo, analisaremos dados advindos de atores do contexto em análise nesta pesquisa, buscando compreender, a partir da percepção pública, como o pastor é visto, interpretado e avaliado em sua prática ministerial.

4. *ETHOS* PASTORAL E A PERCEPÇÃO PÚBLICA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo, de natureza qualitativa e quantitativa, cujo objetivo foi analisar a percepção pública acerca do *ethos* pastoral no contexto contemporâneo, considerando as transformações sociais que influenciam a relação entre pastores e a comunidade.

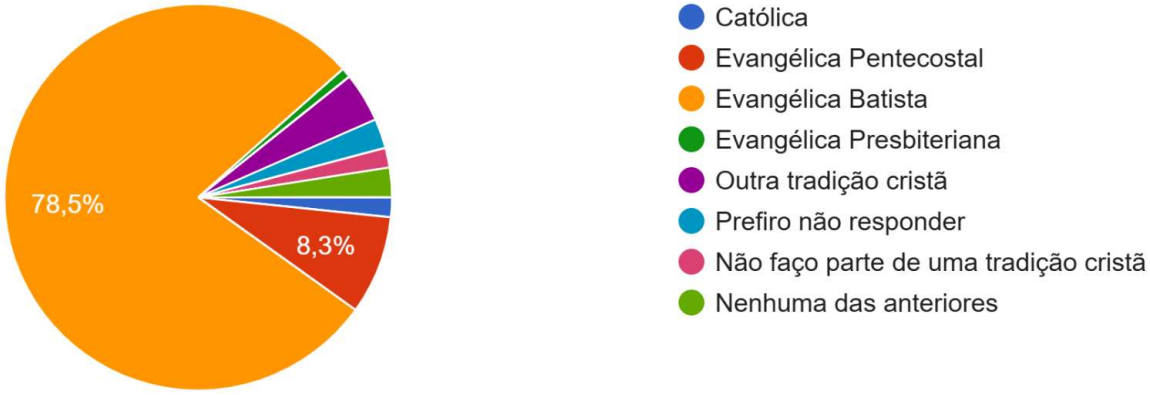
Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário estruturado, o qual pode ser encontrado no apêndice deste trabalho, composto por perguntas fechadas e um espaço para respostas espontâneas. As questões fechadas permitiram a organização dos dados em gráficos, possibilitando uma análise quantitativa descritiva, enquanto as respostas dissertativas favoreceram a compreensão das percepções subjetivas dos participantes[15]. O instrumento foi desenvolvido e aplicado por meio da plataforma *Google Forms*, sendo distribuído digitalmente através de *WhatsApp*, *Instagram*, *e-mail* e *QR Code,* divulgado também na igreja, Faculdade Teológica e empresas de amigos. A escolha por esses meios se deu em razão da facilidade de acesso e da ampla utilização dessas ferramentas no contexto atual, o que contribuiu para maior alcance da pesquisa, obtendo 121 respostas.

A amostra foi composta por indivíduos inseridos no contexto eclesiástico, incluindo membros, líderes e participantes ativos de igrejas evangélicas. A diversidade do público permitiu captar diferentes percepções acerca do papel pastoral, enriquecendo a análise. Os dados coletados foram organizados em gráficos gerados automaticamente pela plataforma, os quais serão apresentados ao longo deste capítulo, acompanhados de análise interpretativa à luz do referencial teórico desenvolvido.

[15] As respostas discursivas completas dessa pesquisa podem ser consultadas ao final deste trabalho.

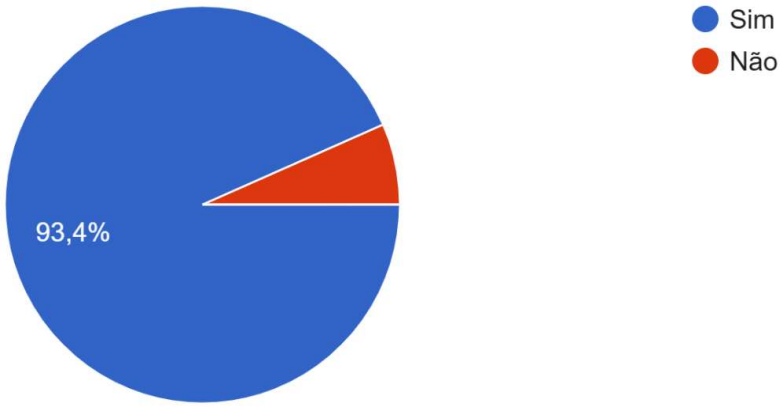
4.1 QUEM É O PÚBLICO RESPONDENTE

Gráfico 1.1 - Com qual tradição cristã você mais se identifica?



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 1.2 - É membro de uma igreja evangélica?



Fonte: Dados da pesquisa.

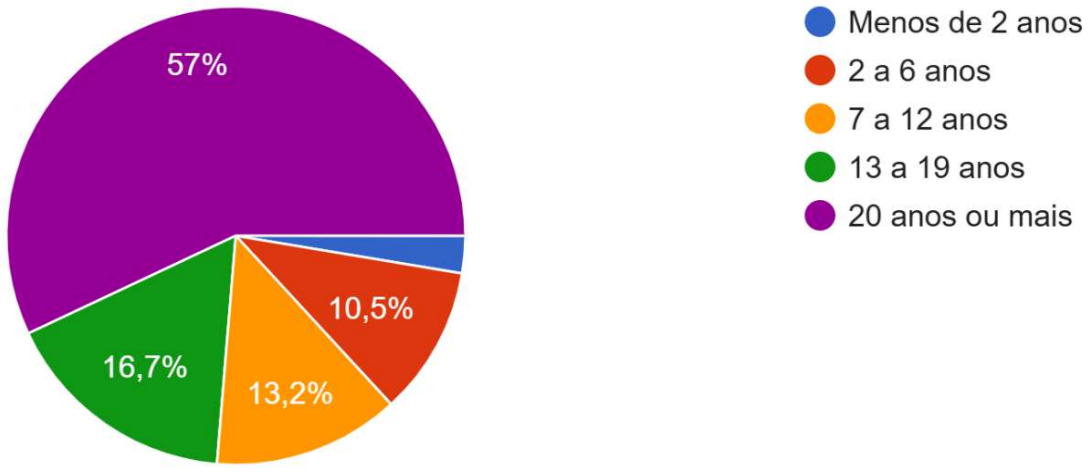
A análise conjunta dos gráficos 1.1 e 1.2 evidencia que o perfil dos participantes é composto por indivíduos com diferentes formas de inserção no ambiente eclesiástico, abrangendo desde membros até aqueles que exercem algum tipo de função ou participação mais ativa na comunidade. Os dados também demonstram que a grande maioria dos respondentes está vinculada ao contexto

evangélico, com destaque para a presença expressiva de participantes oriundos do meio batista.

Conforme apresentado, 93,74% (113 pessoas) dos participantes são evangélicos, 78,5% dos participantes (95 pessoas) pertencem ao contexto batista, enquanto apenas 6,6% (8 pessoas) não são membros de nenhuma igreja evangélica. Esses números indicam que a pesquisa foi respondida, em sua maior parte, por indivíduos diretamente envolvidos na vida da igreja, o que fortalece a consistência das percepções analisadas. Tal percepção não se limita a uma visão externa ou superficial, mas é construída a partir de experiências concretas vividas no interior da comunidade de fé, o que confere maior densidade às respostas apresentadas.

Ademais, essa característica é especialmente relevante para a compreensão do *ethos* pastoral, uma vez que os respondentes não se posicionam como observadores externos, mas como sujeitos que vivenciam, na prática, a atuação pastoral em suas múltiplas dimensões. Assim, suas respostas refletem experiências concretas, construídas no cotidiano das relações eclesiais e na convivência com a liderança.

Gráfico 1.3 - Caso tenha respondido “sim” na pergunta anterior, qual o tempo de conversão?



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar o gráfico 1.3, nota-se que a maioria dos respondentes possui uma longa trajetória no contexto evangélico, sendo que 57% (65 pessoas) declararam ter mais de 20 anos de conversão. Além disso, o segundo maior grupo,

correspondente a 16,7%, também apresenta um tempo expressivo de vivência, ultrapassando 13 anos de inserção no ambiente eclesiástico. Esses dados comprovam que a pesquisa foi respondida, em sua maioria, por indivíduos que não apenas frequentam a igreja, mas que foram formados e moldados ao longo do tempo por esse contexto, o que fortalece a credibilidade das percepções apresentadas.

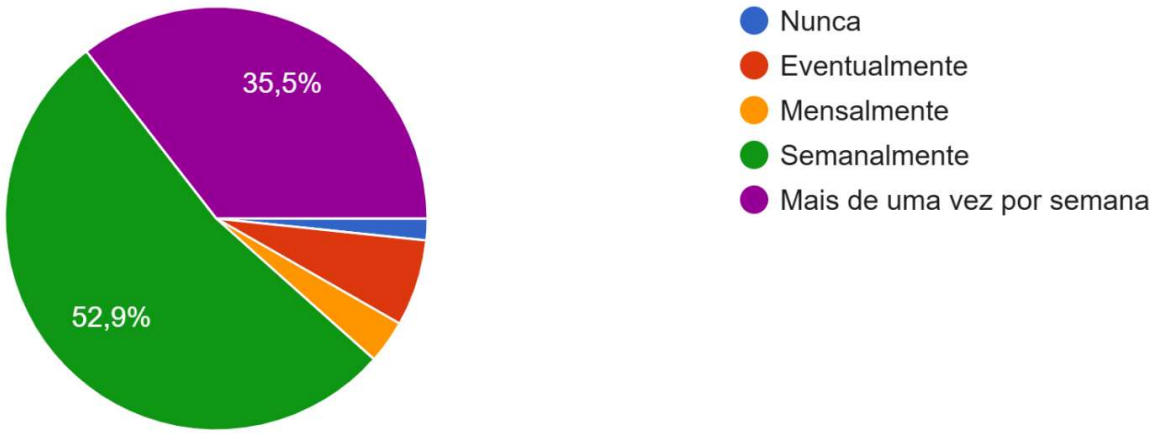
Essa maturidade no percurso de fé reflete-se diretamente na credibilidade e na profundidade das respostas apresentadas, uma vez que os participantes demonstram clara familiaridade com a dinâmica pastoral, com as estruturas de liderança e com as relações comunitárias próprias do ambiente eclesial. Tal aspecto pode ser observado, inclusive, nas respostas abertas, nas quais emerge uma consciência mais crítica e reflexiva acerca da prática pastoral. Um dos respondentes, por exemplo, afirma: “Há 20 anos atrás [sic] minhas respostas seriam diferentes!!!”, evidenciando que sua percepção foi sendo construída e ressignificada ao longo do tempo, à medida que sua experiência no contexto da fé se aprofundou.

Essa observação reforça a ideia de que a compreensão do *ethos* pastoral não é estática, mas dinâmica, sendo influenciada pelo acúmulo de vivências, pela participação contínua na comunidade e pela interação com diferentes modelos de liderança ao longo da trajetória cristã. Dessa forma, não se trata de opiniões pontuais ou impressões imediatas, mas de avaliações amadurecidas, construídas a partir de uma vivência prolongada e significativa no ambiente eclesiástico.

Complementando essa análise, o gráfico 1.5 reforça esse cenário ao indicar que a maior parte dos respondentes mantém um nível significativo de participação e vínculo com a igreja local. Esse dado é relevante, pois revela que os participantes não apenas possuem tempo de conversão, mas também permanecem ativos na comunidade, o que amplia sua capacidade de avaliar o *ethos* pastoral a partir da convivência, da observação contínua e da interação direta com a liderança.

Dessa forma, a combinação entre tempo de conversão e nível de envolvimento eclesiástico oferece uma base sólida para a análise proposta neste estudo. Os dados apontam para um público que conhece profundamente o contexto investigado, o que permite identificar, com maior precisão, tendências, convergências e possíveis tensões na forma como o pastor é percebido na contemporaneidade.

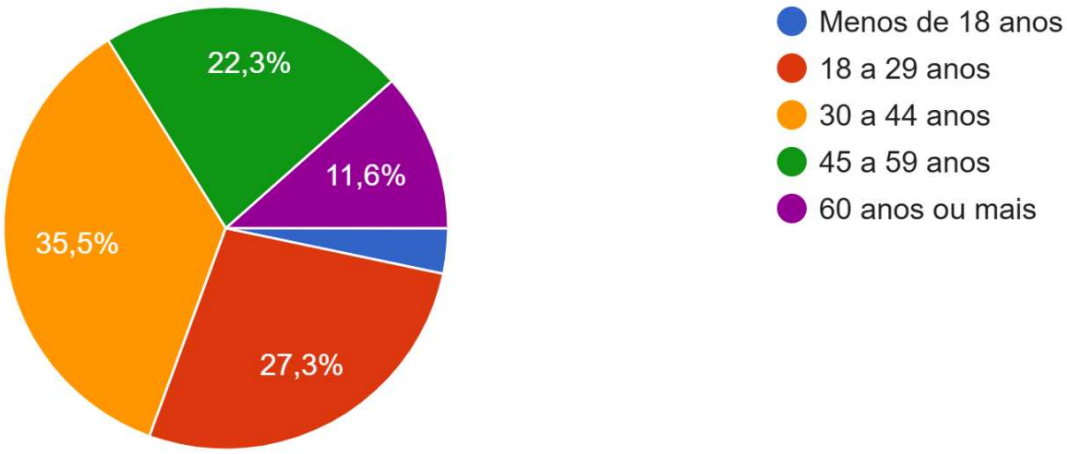
Gráfico 1.5 - Com que frequência você participa de atividades religiosas presenciais ou on-line?



Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se a presença de diferentes faixas etárias entre os participantes, o que possibilita compreender como distintas gerações percebem e interpretam o papel do pastor. Esse aspecto é relevante, pois, conforme discutido anteriormente, o *ethos* pastoral não se constrói de forma isolada, mas em constante interação com o contexto social, cultural e geracional em que está inserido.

Gráfico 1.4 - Qual é a sua faixa etária?



Fonte: Dados da pesquisa.

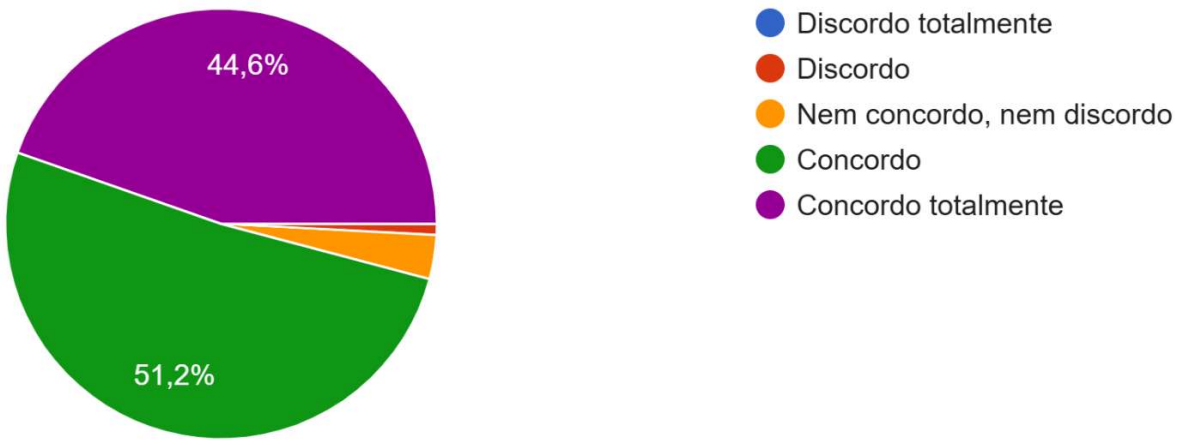
Ao analisar o gráfico 1.4, chama atenção o fato de que o maior grupo de respondentes (35,5%) concentra-se em uma faixa etária associada à plena fase adulta. Esse dado é significativo, pois indica a predominância de participantes que, em geral, possuem maior acúmulo de experiências pessoais, profissionais e eclesiásticas, o que tende a influenciar a forma como percebem e avaliam a atuação pastoral.

Essa etapa da vida costuma ser marcada por maior estabilidade, senso crítico mais desenvolvido e vivências mais amplas dentro da comunidade de fé, fatores que contribuem para uma leitura menos imediatista e mais refletida da realidade pastoral. Assim, as percepções provenientes desse grupo não se limitam a impressões circunstanciais, mas são, em grande medida, fruto de uma trajetória que envolve convivência, observação e participação ativa no ambiente eclesial.

4.2 PERCEPÇÃO SOBRE A FIGURA DO PASTOR EVANGÉLICO POR DIFERENTES VOZES

Ao analisar os dados referentes à percepção da autoridade pastoral, observa-se que, de modo geral, o pastor ainda é reconhecido como uma figura de referência espiritual dentro da comunidade.

Gráfico 2.1 - Os pastores evangélicos são percebidos como figuras de liderança dentro de suas comunidades religiosas.



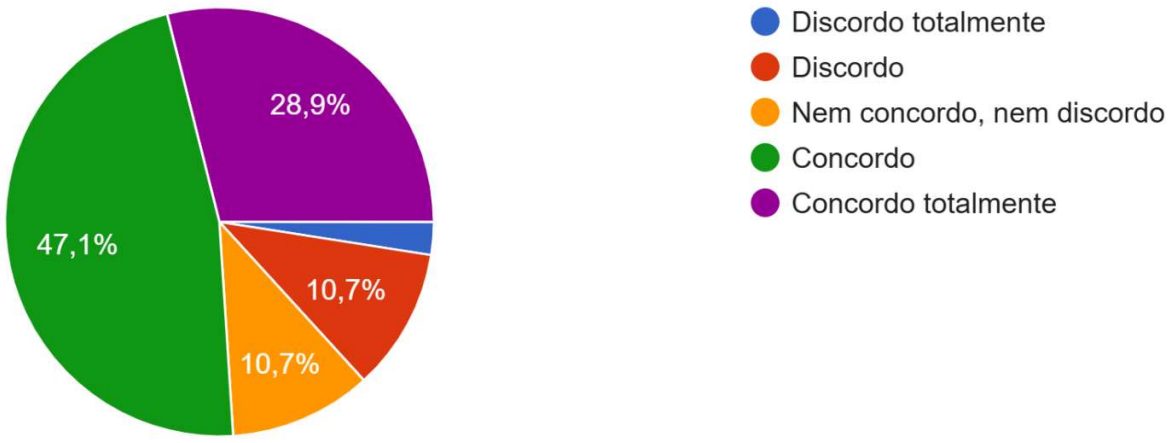
Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados apresentados no gráfico 2.1 indicam que a percepção do pastor como referência de orientação, aconselhamento e condução espiritual permanece amplamente consolidada entre os participantes, sendo reforçada pelo alto índice de concordância, resultante da soma das categorias “concordo” e “concordo totalmente” com 95,8% dos respondentes, ou seja, 116 pessoas.

Entretanto, a análise das respostas abertas revela que essa autoridade não é mais compreendida de forma automática ou incontestável. Observa-se uma expectativa crescente por autenticidade, proximidade e coerência entre discurso e prática, indicando um processo de ressignificação da autoridade pastoral. Nesse contexto, a legitimidade do pastor passa a ser construída na vivência relacional e na experiência concreta da comunidade, deslocando-se de uma base meramente institucional para uma dimensão mais prática e cotidiana.

Partindo dessa compreensão acerca da autoridade pastoral e de sua construção relacional no contexto contemporâneo, torna-se necessário observar quais características sustentam, na prática, a credibilidade dessa liderança perante a comunidade. Nesse sentido, o gráfico 2.3 direciona a análise para a percepção dos participantes sobre a honestidade atribuída à figura do pastor evangélico, elemento que se apresenta como fundamental para a consolidação da confiança e da legitimidade do *ethos* pastoral.

Gráfico 2.3 - A figura do pastor é associada à honestidade e à integridade ética.

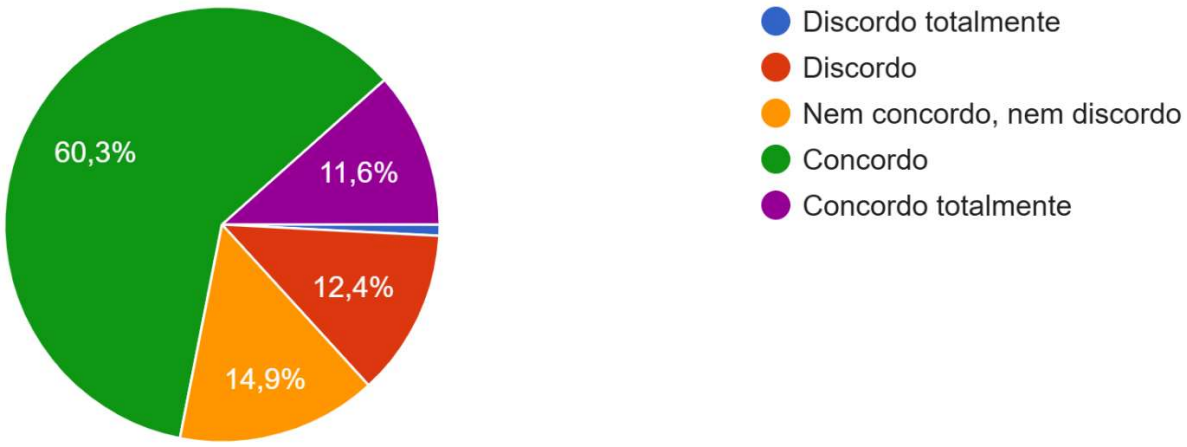


Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados apresentados no gráfico acima revelam que 76% (92 pessoas) do público respondente ainda acredita, de alguma forma, na honestidade e na integridade ética do pastor, enquanto apenas 13,2% (16 pessoas) demonstram não compartilhar da mesma percepção. Esses números evidenciam que, majoritariamente, a figura pastoral ainda ocupa uma posição de credibilidade dentro do contexto eclesiástico, sendo associada a valores morais e éticos esperados da liderança cristã.

Entretanto, embora a percepção pessoal dos participantes sobre a honestidade pastoral apresente índices majoritariamente positivos, torna-se necessário observar se essa confiança também é percebida em uma dimensão mais ampla e social. Em outras palavras, ainda que muitos participantes demonstrem confiar na integridade do pastor em sua experiência eclesiástica, isso não significa necessariamente que a sociedade brasileira compartilhe da mesma percepção. Nesse sentido, o gráfico 2.6 amplia essa discussão ao analisar como os respondentes enxergam a relação entre o pastor e os membros da igreja.

Gráfico 2.6 - Pastores evangélicos exercem forte influência sobre as decisões pessoais dos membros de suas igrejas.



Fonte: Dados da pesquisa.

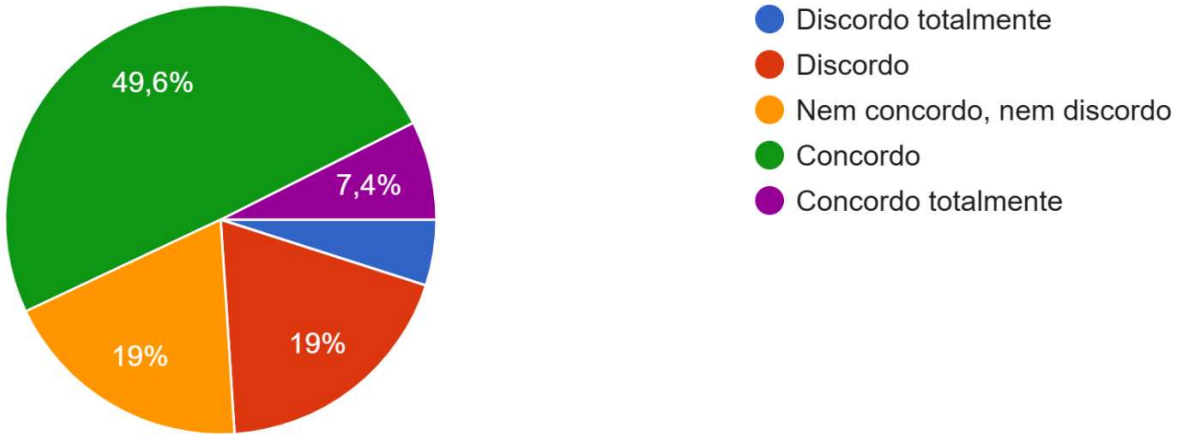
Diante disso, a leitura dos dados apresentados no gráfico se torna ainda mais significativa quando articulada com a compreensão teórica da construção da influência pastoral. O elevado percentual de respondentes que reconhecem a

influência do pastor sobre a comunidade (71,9% somando “concordo” e “concordo totalmente”) não pode ser interpretado apenas como uma percepção subjetiva isolada, mas como um reflexo de um processo mais amplo de formação de autoridade que se consolida no contexto eclesial. O fato de a maioria dos respondentes reconhecer essa influência sugere que, na prática comunitária, a voz pastoral continua sendo percebida como um referencial significativo de orientação, formação de conhecimento e condução espiritual e social.

Nesse sentido, o dado observacional dialoga diretamente com a compreensão apresentada no capítulo 3.3 desta pesquisa, a qual evidencia que a influência pastoral não se estabelece de maneira imediata ou meramente institucional, mas é construída progressivamente a partir do *ethos* do líder, isto é, de sua vida, coerência e testemunho. Por outro lado, a presença de um grupo minoritário que não concorda com essa afirmação indica que essa influência não é absoluta nem homogênea dentro da comunidade, podendo refletir diferentes níveis de engajamento e experiências com a liderança pastoral, além de uma maior pluralidade de referências no contexto religioso contemporâneo.

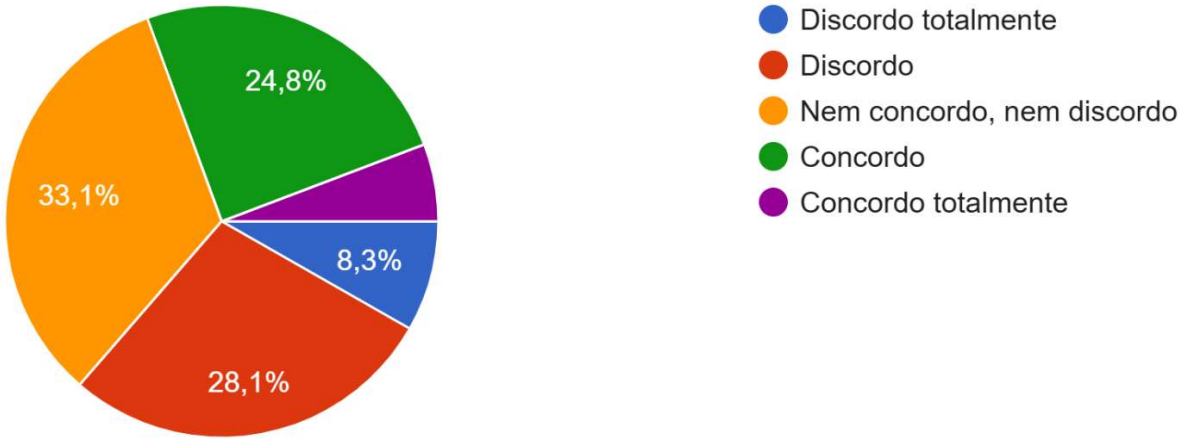
Dessa forma, os resultados comprovam que a influência pastoral, quando reconhecida pela comunidade, não se fundamenta apenas na posição institucional do pastor, mas em um processo contínuo de construção relacional e espiritual. Assim, a autoridade pastoral se revela como expressão de uma dinâmica que envolve prática ministerial, coerência de vida e confiança comunitária, permitindo compreender que sua legitimidade é progressivamente consolidada na interseção entre o testemunho do líder e a experiência vivida pela igreja. Diante disso, os gráficos 2.7 e 2.8 trazem uma pesquisa sobre a forma que o pastor tem utilizado sua figura nas questões ligadas à finanças.

2.7 A atuação do pastor evangélico é percebida como transparente em relação ao uso de recursos financeiros da igreja.



Fonte: Dados da pesquisa.

2.8 Pastores evangélicos utilizam sua posição religiosa para obter benefícios pessoais ou financeiros.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os gráficos 2.7 e 2.8 oferecem elementos relevantes para a compreensão da percepção dos respondentes acerca da atuação pastoral, especialmente no que se refere à administração de recursos financeiros e à possibilidade de uso indevido da posição religiosa. Tais dimensões são particularmente sensíveis no contexto

contemporâneo da igreja, uma vez que impactam diretamente a construção do *ethos* pastoral e a credibilidade da liderança diante da comunidade. No gráfico 2.7, observa-se que 57% dos respondentes afirmam perceber a transparência na atuação do pastor em relação ao uso dos recursos financeiros da igreja, o que indica uma tendência predominante de confiança institucional. Ainda assim, a existência de um percentual que não compartilha dessa percepção revela que essa confiança não é plenamente homogênea, sugerindo a presença de reservas ou experiências distintas dentro do próprio grupo analisado (121 respondentes).

As respostas dissertativas reforçam essa percepção ao demonstrarem que, para muitos participantes, a transparência financeira deixou de ser apenas uma expectativa secundária e passou a representar um elemento essencial para a legitimidade da liderança pastoral. Um dos respondentes afirma que “toda igreja deveria ter uma prestação de conta diária ou semanal mostrando o extrato de movimentação, notas fiscais e demais comprovantes do que é comprado com o dinheiro dos fiéis”. O participante ainda destaca que os recursos ofertados são entregues “de boa fé”, razão pela qual “todos devem ter ciência do uso desse valor”. Tal posicionamento evidencia uma demanda crescente por mecanismos de prestação de contas e acompanhamento administrativo dentro das igrejas, revelando que a confiança comunitária está diretamente associada à clareza na gestão financeira e à responsabilidade ética da liderança.

Por outro lado, o gráfico 2.8 introduz uma perspectiva mais crítica e ambígua sobre a mesma temática, ao tratar da possibilidade de utilização da posição pastoral para obtenção de benefícios pessoais ou financeiros. Nesse recorte, 24,8% dos respondentes concordam com essa afirmação, o que demonstra a existência de uma percepção negativa relevante em relação à integridade de parte da liderança pastoral. Contudo, o dado mais expressivo é o percentual de 33,1% que se declara em dúvida, indicando não uma rejeição ou aceitação consolidada, mas uma zona de incerteza interpretativa acerca da conduta pastoral. Esse elemento é significativo, pois aponta para uma fragilidade na clareza da imagem pública do pastor em relação à gestão financeira e à sua motivação pessoal no exercício ministerial.

Essa percepção crítica aparece de maneira ainda mais evidente nas respostas qualitativas apresentadas pelos participantes. Um dos respondentes afirma que “a credibilidade do pastor evangélico no Brasil está fragilizada”, argumentando que “muitos líderes trocaram serviço por poder, simplicidade por

ostentação e evangelho por espetáculo". O participante ainda relaciona essa crise de credibilidade a "escândalos financeiros", "envolvimento político excessivo" e à "incoerência entre discurso e prática". Essa resposta demonstra que, para parte do público analisado, o enfraquecimento do *ethos* pastoral está diretamente ligado à percepção de distanciamento entre os princípios bíblicos do ministério e determinadas práticas contemporâneas associadas à liderança religiosa.

Outro participante declara que "acontecem casos de extorsão e uso indevido e deturpado da Bíblia para obtenção de recursos financeiros ou favores em troca de um conforto espiritual". O respondente ressalta ainda que o pastor "não obtém poder algum sobre a vida das pessoas" e que seu papel deveria ser "orientar a igreja e zelar por ela, não usá-la em benefício próprio". Essa fala evidencia uma crítica não apenas à utilização indevida dos recursos financeiros, mas também à instrumentalização da autoridade espiritual para obtenção de vantagens pessoais. Nesse sentido, percebe-se que a preocupação dos participantes não se limita ao aspecto administrativo, mas alcança também a dimensão ética e teológica do exercício pastoral.

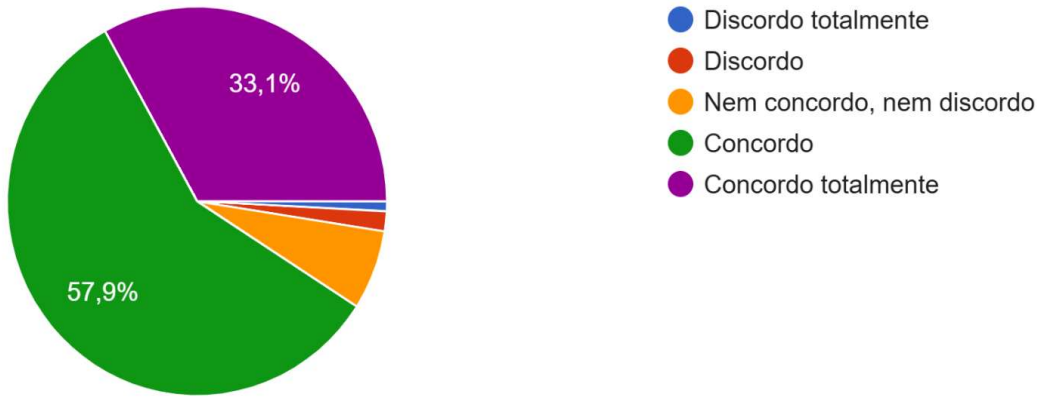
Essa crítica é reforçada em outra resposta, na qual o participante afirma que "muitos pastores evangélicos hoje usam sua posição de líder para usufruir de benefícios", mencionando a ostentação financeira, a busca por honrarias e a distorção das Escrituras em benefício próprio. O respondente estabelece ainda um contraste entre essas práticas e o modelo de liderança ensinado por Cristo, ao afirmar: "Jesus disse totalmente o contrário; aquele que quiser ser o maior que sirva". Tal posicionamento revela que, para parte dos entrevistados, a legitimidade do pastor está profundamente associada à humildade, ao serviço e à coerência entre vida e mensagem, elementos centrais para a construção do *ethos* pastoral bíblico.

A leitura conjunta dos gráficos e das respostas dissertativas revela, portanto, uma tensão interpretativa na percepção da figura pastoral. De um lado, há uma predominância de confiança na transparência financeira e no exercício legítimo da liderança; de outro, existe uma suspeita latente quanto ao uso indevido da posição religiosa e à incoerência ética de determinadas lideranças. Essa dualidade sugere que o *ethos* pastoral contemporâneo é constantemente avaliado pela comunidade, especialmente em questões relacionadas à administração financeira, integridade moral e autenticidade ministerial. Assim, os dados indicam que a legitimidade da

liderança pastoral não se sustenta apenas em sua posição institucional, mas é continuamente construída, e também tensionada, pela percepção comunitária acerca de sua conduta ética, espiritual e administrativa.

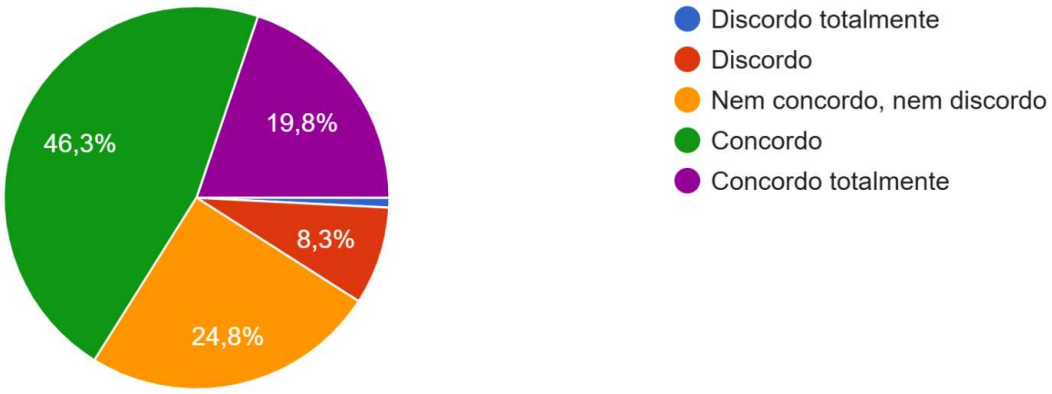
A partir das discussões anteriores acerca da percepção da atuação pastoral, especialmente no que diz respeito à sua transparência e à integridade no uso de recursos e da posição ministerial, torna-se pertinente avançar para uma nova dimensão analítica que amplia esse debate para além do espaço estritamente religioso. Nesse sentido, os gráficos 2.9 e 2.10 introduzem a influência do campo midiático na construção da imagem social do pastor, revelando como a percepção pública dessa figura também é mediada por fatores externos à dinâmica interna da igreja. A análise dessas variáveis permite compreender em que medida a exposição midiática e a narrativa veiculada pela mídia brasileira contribuem para a formação, consolidação ou até mesmo tensionamento do *ethos* pastoral no imaginário social contemporâneo.

2.9. A exposição de pastores evangélicos nas mídias brasileiras influencia a forma como eles são percebidos socialmente.



Fonte: Dados da pesquisa.

2.10. A mídia brasileira contribui para uma imagem negativa dos pastores evangélicos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados apresentados nos gráficos 2.9 e 2.10 evidenciam que a percepção social da figura pastoral está fortemente relacionada à maneira como ela é exposta nas mídias brasileiras. É interessante observar que, em ambos os gráficos, mais de 60% dos respondentes, ao somar as alternativas “concordo” e “concordo totalmente”, acreditam que a exposição midiática do pastor evangélico influencia negativamente sua imagem pública. No gráfico 2.9, impressionantes 91% dos participantes concordam que a exposição dos pastores nas mídias brasileiras influencia a forma como eles são percebidos socialmente, percentual que representa 110 pessoas do total de 121 respondentes. Além disso, é importante destacar que apenas 6,6% permaneceram neutros diante da afirmação, posicionando-se em “nem discordo, nem concordo”, o que demonstra um nível de concordância próximo à unanimidade sobre o impacto da mídia na construção da imagem pastoral.

Já o gráfico 2.10 aprofunda essa discussão ao demonstrar que 66,1% dos respondentes acreditam que a mídia brasileira contribui para uma imagem negativa dos pastores evangélicos diante da sociedade. Ainda que 24,8% tenham se mantido em posição neutra, o dado revela uma percepção predominante de que a exposição midiática não apenas influencia a imagem pastoral, mas frequentemente a associa a elementos desfavoráveis. Tal aspecto salienta que o *ethos* pastoral contemporâneo não é construído apenas no ambiente eclesiástico, mas também no espaço público

e digital, no qual a imagem do pastor é constantemente observada, interpretada e julgada.

Nesse sentido, os resultados dialogam diretamente com a discussão apresentada no capítulo 3.4 acerca do *ethos* pastoral na contemporaneidade. Conforme abordado, a sociedade atual é marcada pela centralidade da imagem, pela lógica da performance e pela intensa exposição pública proporcionada pelos meios de comunicação e pelas plataformas digitais. Nesse contexto, o pastor deixa de ser percebido apenas como líder espiritual local e passa, muitas vezes, a ocupar também a posição de figura pública e influenciador social. Embora essa visibilidade possa possuir aspectos positivos, ela amplia significativamente a responsabilidade do líder, uma vez que suas falhas, discursos e comportamentos passam a repercutir de maneira muito mais ampla, influenciando diretamente a percepção social acerca do ministério pastoral.

As respostas dissertativas dos participantes reforçam e aprofundam os dados quantitativos apresentados nos gráficos, permitindo compreender não apenas os percentuais observados, mas também os sentidos atribuídos pelos próprios respondentes à influência da mídia na construção da imagem pastoral. Em uma das respostas, um participante afirma: “Não sou uma pessoa religiosa, mas sou aberta a opiniões diferentes da minha. Acredito que a exposição da mídia de casos onde pastores são protagonistas de ações vergonhosas influencie na percepção do público sobre a atuação deles, mas essa exposição não deve parar.” O respondente ainda reconhece que tais casos são “minoritários”, mas entende que a divulgação é legítima, pois “as pessoas têm o direito de saber onde estão se metendo”. Essa percepção evidencia que a mídia é compreendida não apenas como um agente de influência social, mas também como um instrumento de fiscalização pública diante de práticas consideradas antiéticas ou incoerentes com o exercício ministerial.

Outra resposta afirma que “a credibilidade dos pastores e da igreja está bem deteriorada”, relacionando esse cenário às “falhas morais e éticas da igreja de maneira ampla e notória”. O participante ainda acrescenta que “a mídia colabora e muito com esta visão, divulgando muito mais os escândalos do que a realidade”. Essa percepção demonstra que, para parte dos respondentes, a crise de imagem da liderança pastoral não decorre exclusivamente da atuação midiática, mas também de comportamentos e práticas que fragilizam a legitimidade do ministério diante da sociedade. Ao mesmo tempo, expõe-se a compreensão de que a mídia tende a

enfatizar acontecimentos negativos e escandalosos, reforçando uma percepção pública marcada por episódios de grande repercussão.

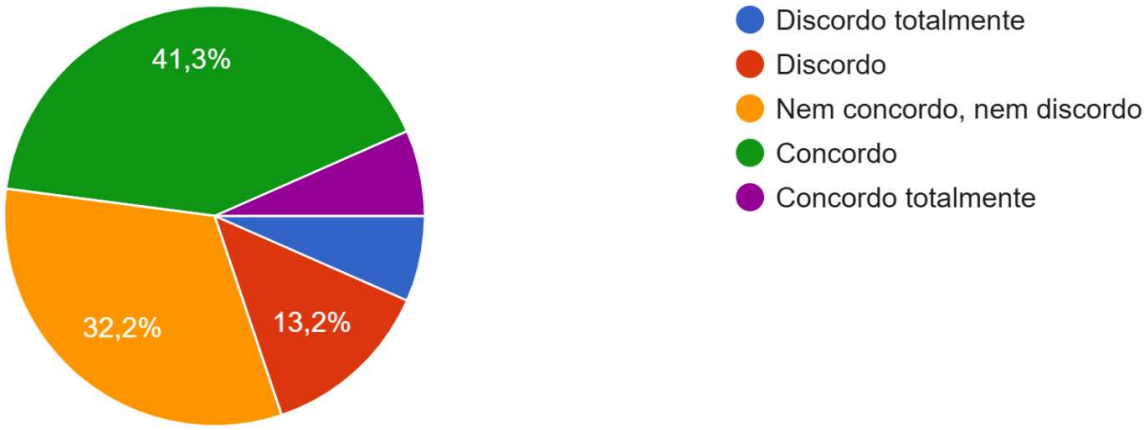
Esse aspecto se torna ainda mais evidente na resposta que afirma que “muitos pastores, os quais têm grande exposição na grande mídia, acabam queimando a imagem da figura do pastor evangélico”. O participante associa essa deterioração da imagem pastoral a “interpretações erradas da bíblia”, “falas hereges” e até mesmo a “envolvimento em crimes como abusos sexuais e furto de dinheiro”. Tal posicionamento demonstra que, para parte dos respondentes, o problema não está apenas na exposição midiática em si, mas na conduta de determinadas lideranças que, ao ocuparem espaços de grande visibilidade, acabam representando negativamente toda a comunidade evangélica. Assim, a figura pastoral passa a ser socialmente associada não apenas ao exercício espiritual do ministério, mas também a personagens midiáticos cujas ações repercutem amplamente no imaginário coletivo.

Por fim, outra resposta destaca que “os pastores que realmente fazem um trabalho ético e coerente não têm visibilidade”, enquanto “a televisão, rádio e internet propaga muito mais, principalmente para os descrentes, o lado negativo da ‘profissão’”. Essa observação evidencia uma tensão importante no contexto contemporâneo: a discrepância entre a prática cotidiana de muitos pastores e a imagem pública frequentemente difundida pelos meios de comunicação. O participante sugere que a mídia privilegia conteúdos negativos devido ao seu potencial de repercussão e impacto social, contribuindo para a consolidação de percepções generalizadas a partir de casos específicos e escandalosos.

Dessa forma, as respostas analisadas confirmam que o *ethos* pastoral contemporâneo é profundamente impactado pela lógica midiática e pela cultura da visibilidade. Conforme observado no capítulo 3.4, a liderança pastoral está constantemente exposta ao julgamento público, especialmente nas plataformas digitais e nos meios de comunicação de massa. Nesse cenário, a credibilidade ministerial torna-se cada vez mais dependente da coerência entre discurso, prática e testemunho público. Assim, os dados quantitativos e qualitativos revelam que a mídia exerce influência significativa na percepção social sobre os pastores evangélicos, podendo tanto fortalecer quanto fragilizar sua legitimidade diante da sociedade contemporânea.

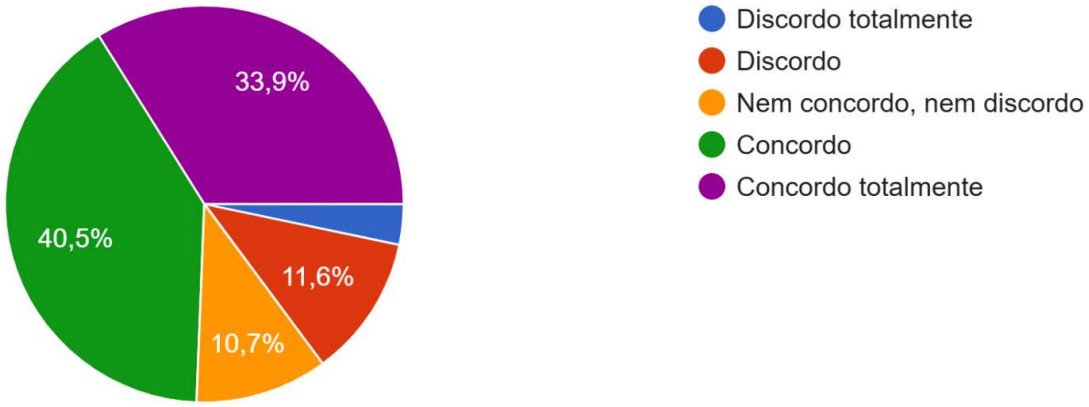
A partir dessa discussão, percebe-se que a construção da imagem pastoral contemporânea não é influenciada apenas pela mídia e pela exposição pública, mas também pela maneira como a figura do pastor se relaciona com outras esferas de poder e influência social. Nesse contexto, torna-se relevante avançar para a análise da relação entre liderança pastoral e atuação política, uma vez que a crescente participação de pastores no debate público e em espaços institucionais tem produzido impactos significativos em sua percepção social. Os gráficos 2.13, 2.14 e 2.15 ampliam essa reflexão ao abordar a influência pastoral sobre decisões político-partidárias, os efeitos do envolvimento de pastores com a política na construção de sua imagem pública e a aceitação da presença pastoral nos âmbitos legislativo e executivo. Dessa forma, busca-se compreender em que medida a aproximação entre ministério pastoral e atuação política contribui para fortalecer, tensionar ou fragilizar o *ethos* pastoral no contexto contemporâneo.

2.13. A figura do pastor exerce influência sobre a decisão político-partidária de seu contexto social.



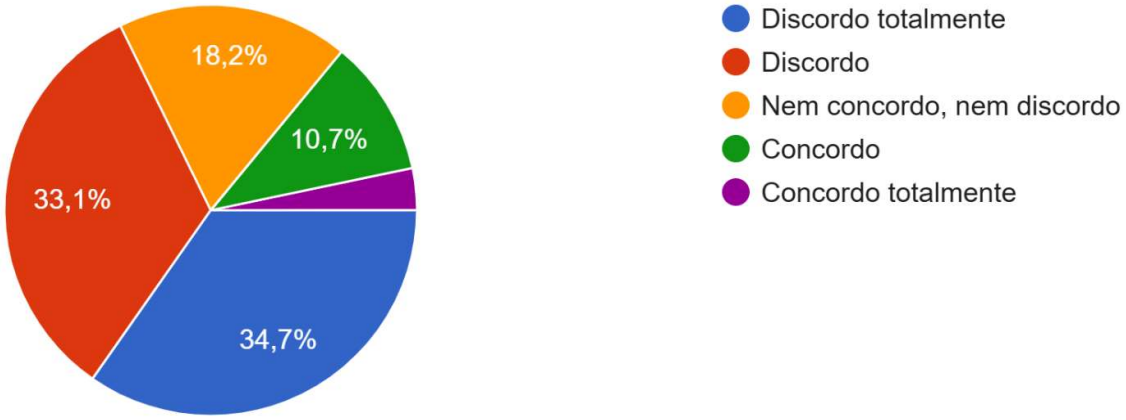
Fonte: Dados da pesquisa.

2.14. O envolvimento de pastores com a política teve um impacto negativo em sua percepção pública.



Fonte: Dados da pesquisa.

2.15. Os pastores devem ser vistos nas esferas públicas, atuando no âmbito legislativo e executivo, seguindo carreira política.



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar o gráfico 2.13, percebe-se que a influência da figura pastoral sobre decisões político-partidárias é reconhecida por uma parcela significativa dos respondentes. Somando-se as categorias “concordo” e “concordo totalmente”, observa-se que 47,9% dos participantes acreditam que o pastor exerce influência sobre as decisões políticas de seu contexto social. Além disso, o percentual de respondentes que permaneceram neutros diante da afirmação é igualmente relevante, representando 32,2% do total. Esse dado demonstra que, embora não haja consenso absoluto, existe uma tendência considerável de reconhecimento da

influência pastoral no campo político, especialmente ao considerar que a baixa taxa de discordância demonstra pouca rejeição à existência dessa interferência.

Na sequência, o gráfico 2.14 aprofunda essa discussão ao demonstrar que a maior parte dos respondentes percebe de maneira negativa o envolvimento de pastores com a política. Os dados revelam que 74,4% dos participantes, somando “concordo” e “concordo totalmente”, acreditam que a participação pastoral na esfera política produziu impactos negativos em sua percepção pública. Tal resultado evidencia que, para grande parte do público analisado, a aproximação entre liderança religiosa e atuação político-partidária contribuiu para o desgaste da imagem pastoral perante a sociedade. Esse cenário pode ser compreendido à luz do crescente número de controvérsias, polarizações e escândalos envolvendo lideranças religiosas em contextos políticos, fatores que tendem a ampliar a percepção de comprometimento da neutralidade espiritual do ministério pastoral.

Essa percepção torna-se ainda mais evidente no gráfico 2.15, que trata da aceitação da presença de pastores nas esferas públicas, especialmente nos âmbitos legislativo e executivo. Os dados indicam que a maioria dos respondentes demonstra resistência à atuação político-partidária do pastor, uma vez que 34,7% afirmam “discordar totalmente” e 33,1% “discordam” da ideia de que pastores devam seguir carreira política, totalizando 67,8% de rejeição. Os resultados sugerem que, para a maior parte dos participantes, o exercício pastoral deve permanecer prioritariamente vinculado à sua função espiritual e comunitária, sem associação direta com estruturas de poder político-institucional.

A leitura conjunta dos três gráficos revela, portanto, uma tensão importante na percepção contemporânea da figura pastoral. Embora os respondentes reconheçam que o pastor possui influência significativa sobre decisões político-partidárias, há também uma compreensão predominante de que o envolvimento direto com a política tende a produzir efeitos negativos sobre sua imagem pública e sobre a credibilidade do ministério. Dessa forma, os dados apontam que a relação entre liderança pastoral e política constitui um dos principais elementos de tensão no processo de construção do *ethos* pastoral contemporâneo, especialmente em uma sociedade marcada pela polarização ideológica e pela crescente exposição pública das lideranças religiosas.

4.3 ANÁLISE INTERPRETATIVA DA PERCEPÇÃO DO *ETHOS* PASTORAL

A análise conjunta dos dados apresentados ao longo desta exposição sinaliza que a percepção da figura pastoral evangélica é construída a partir de diferentes aspectos que se conectam entre si, envolvendo autoridade espiritual, credibilidade ética, exposição midiática e inserção no espaço político. Inicialmente, observa-se que o pastor ainda é amplamente reconhecido como referência de liderança e orientação espiritual dentro da comunidade, especialmente quando se considera o alto índice de concordância quanto à sua função orientadora e à percepção de honestidade e influência na vida dos membros da igreja. No entanto, essa autoridade não se apresenta mais como absoluta ou inquestionável, sendo cada vez mais mediada por critérios de autenticidade, coerência e prestação de contas, o que indica uma mudança na forma como o *ethos* pastoral é compreendido na atualidade.

Nesse processo, os dados referentes ao uso de recursos financeiros e à possibilidade de uso indevido da posição pastoral revelam uma tensão interpretativa importante, na qual convivem ao mesmo tempo confiança institucional, dúvida e incerteza. Essa mistura de percepções é reforçada pelas respostas dissertativas, que apontam tanto a exigência de maior transparência na gestão dos recursos quanto críticas à incoerência entre discurso e prática de algumas lideranças. Nesse sentido, a legitimidade pastoral passa a ser constantemente construída dentro da comunidade, deixando de depender apenas da posição formal e passando a se apoiar na coerência ética, na prestação de contas e na percepção de integridade moral.

Essa dinâmica se intensifica quando se observa a influência da mídia na construção da imagem pastoral, uma vez que os dados indicam forte consenso de que a exposição midiática impacta diretamente a forma como os pastores são percebidos socialmente, frequentemente associando-os a elementos negativos. As respostas qualitativas reforçam essa percepção ao evidenciar tanto a função de fiscalização da mídia quanto sua tendência de dar maior destaque a escândalos, o que contribui para a formação de uma imagem pública frequentemente fragilizada. Assim, o *ethos* pastoral passa a ser constantemente construído no espaço público e digital, onde a visibilidade amplia tanto o alcance quanto a vulnerabilidade da figura pastoral.

Por fim, ao incluir a dimensão política, os dados revelam uma percepção majoritariamente crítica quanto ao envolvimento de pastores com a esfera político-partidária, especialmente no que se refere aos impactos negativos sobre sua imagem pública e à rejeição de sua atuação em cargos legislativos e executivos. Ainda que se reconheça certa influência da liderança pastoral sobre decisões políticas em seu contexto social, prevalece a compreensão de que a aproximação entre ministério e política tende a gerar tensões e desgastes na credibilidade da figura pastoral. Dessa forma, a análise geral indica que o *ethos* pastoral contemporâneo é marcado por um processo contínuo de construção, tensão e reconfiguração, no qual autoridade, ética, mídia e política se entrelaçam na formação da percepção social sobre o pastor evangélico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar o *ethos* do pastor evangélico e sua relação com a atual crise de credibilidade ministerial, a partir de uma abordagem socioteológica à luz da Bíblia associada à percepção pública sobre a figura pastoral contemporânea. Ao longo da pesquisa, foram discutidos os fundamentos filosóficos e sociais do conceito de *ethos*, sua aplicação ao contexto pastoral e a importância do caráter, da integridade e da coerência ética considerando como elementos indispensáveis para o exercício ministerial saudável.

Além dessa fundamentação teórica, a pesquisa de campo permitiu compreender como diferentes indivíduos percebem a atuação do pastoreio na atualidade, especialmente em temas relacionados à autoridade espiritual, transparência de conduta, influência midiática, postura ética e envolvimento político-partidário. Os dados analisados demonstraram que a credibilidade continua profundamente ligada à coerência entre discurso e prática, evidenciando dessa forma, que o testemunho pessoal do pastor permanece sendo um dos principais fatores de confiança por parte da comunidade cristã ou meio em que está inserido.

Diante da problemática proposta inicialmente, constata-se que a hipótese apresentada ao longo do trabalho foi, em grande medida confirmada. A pesquisa evidenciou que a crise de credibilidade ministerial não pode ser percebida apenas como resultado de fatores externos ou sociais, mas também, como consequência do enfraquecimento de princípios bíblicos e éticos basilares e norteadores para o pastoreio. Ao mesmo tempo, os resultados demonstram que ainda existe o reconhecimento e a valorização do pastor quando estes estão associados a uma vida íntegra, transparente e coerente com o evangelho.

Levando em conta tais apontamentos, constata-se que este trabalho coopera tanto para o meio acadêmico quanto para o contexto eclesiástico, ao propor reflexões sobre a necessidade de resgate do *ethos* pastoral fundamentado nas Escrituras. A pesquisa também contribui para a compreensão das transformações sociais que impactam a percepção pública da liderança evangélica, oferecendo elementos que podem auxiliar na formação do ministro, na prática pastoral e em futuras discussões no campo da teologia pastoral e da ética cristã. Além disso, favorece que vocacionados compreendam as dificuldades contemporâneas

relacionadas ao exercício do ministério, enxergando de forma mais clara o modelo bíblico de conduta pastoral.

Tendo isso em vista, o estudo abre possibilidades para novas pesquisas e aprofundamentos sobre o tema. Considerando que a maior parte dos participantes da pesquisa pertence ao contexto Batista, torna-se importante ampliar futuras investigações para outras denominações cristãs, bem como para indivíduos afastados do meio eclesial, ou ainda sem nenhum vínculo religioso. Uma amostra mais diversificada poderá apresentar percepções distintas acerca do *ethos* pastoral e de sua credibilidade, enriquecendo ainda mais a análise e proporcionando uma compreensão mais ampla sobre o impacto da liderança evangélica na sociedade contemporânea.

Outro aspecto importante a se registrar é que, durante a elaboração da proposta metodológica desta pesquisa, previa-se usar teorias da Análise do Discurso para identificar o *ethos* pastoral também na fala de pastores em exercício. Dessa forma, no processo de levantamento de dados, foram realizadas entrevistas com alguns pastores, as quais estavam compostas por perguntas dissertativas relacionadas ao tema do trabalho. Entretanto, em razão da limitação de tempo e da necessidade de apurar os dados coletados nos questionários, não foi possível desenvolver uma análise do material produzido pelos pastores. Dessa forma, as entrevistas foram inseridas nos anexos para registro e possível consulta, podendo servir, neste momento, como material complementar, e, futuramente, também serão usadas como base para outras investigações, discussões e/ou produções acadêmicas e teológicas. Afinal, o *ethos* pastoral continua e continuará sendo um elemento central para a legitimidade e a credibilidade no pastoreio.

Sendo assim, em um contexto marcado por constantes transformações sociais, exposição midiática e crises de confiança, é indispensável que o pastor permaneça alicerçado nos princípios bíblicos de integridade, humildade, serviço e responsabilidade, refletindo de maneira coerente o caráter de Cristo diante da igreja e da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Edson Bini. 4 ed. São Paulo, SP: edipro, 2014.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

AUDI, Robert (Org.). **Dicionário de filosofia de Cambridge**. Tradução João Paixão Netto, Edwino Aloysius Royer et al. 1 ed. São Paulo, SP: Paulus, 2006. Tradução de: The Cambridge Dictionary of Philosophy.

AZEVEDO, Irland Pereira de. **De Pastor Para Pastores**: Um testemunho pessoal. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 2001.

BAXTER, Richard. **O Pastor Aprovado**: modelo de ministério e crescimento pessoal. Tradução Odayr Olivetti. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2013. Tradução de: The Reformed Pastor: a pattern for personal growth and ministry.

BATISTA, Mário Sérgio. **Ethos discursivo de São Bernardo de Claraval**: uma perspectiva vocacional. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997. Tradução de: Postmodern Ethics.

BÍBLIA. Português. **Nova Versão Internacional**. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2011.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradução Desidério Murcho et al. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed, 1997. Tradução de: The Oxford Dictionary of Philosophy.

CLINTON, J. Robert. **Etapas na vida de um líder**. Tradução Werner Fuchs e Hans udo Fuchs. 1 ed. Curitiba: Descoberta, 2000. Tradução de: The Mahing of a leader: recognizing the lessons and stages of leadership development.

CRABTREE, A. R. **A doutrina bíblica do ministério**. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista, 1981.

CROFT, Brian. **O ministério do pastor:** prioridades bíblicas para pastores fiéis. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Editora Fiel, 2020.

DAM, Cornelis Van. **O presbítero**: Orientação bíblica essencial sobre um ofício indispensável para a igreja. 1 ed. Tradução The Elder. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2019. Tradução de: Rodrigo Carrijo e Silva.

FISHER, David. **O pastor do século 21**: Uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no terceiro milênio. 1 ed. Tradução Yolanda Mirsda Krievin. São Paulo, SP: Editora Vida, 1999. Tradução de: The 21st Century Pastor.

GULA, Richard M. **Ética no ministério pastoral**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001. 1 ed. Tradução de: Ethics in Pastoral Ministry.

GROESCHEL, Craig. **Confissões de um pastor**: Por que decidi tirar a máscara da perfeição. Tradução Omar de Souza. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. Tradução de: Confessions of a pastor.

HANSEN, Collin; Robinson, Jeff. **15 Coisas que o seminário não pôde me ensinar**. Tradução Rogério Portella. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2020. Tradução de: 15 things seminary couldn't teach me.

HANSEN, David. **Arte de Pastorear**: Um ministério sem todas as respostas. Tradução Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd Publicações, 2001. Tradução de: The art of pastoring: ministry without all the answers.

HAYFORD, Jack. **Pastores da Promessa**: Enfatizando o caráter e a esperança como a chave da produtividade no pastorado. 1 ed. Tradução Neyd Siqueira. São Paulo, SP: Editora e Publicadora Quadrangular, 1998. Tradução de: Pastors of Promise.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: 1 e 2 Timóteo e Tito. Tradução Valter Graciano Martins. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2001. Tradução de: New Testament Commentary, Exposition of the Pastoral Epistles.

HYBELLS, Bill. **Liderança Corajosa**. Tradução James Monteiro dos Reis. 1 ed. São Paulo: Vida, 2002. Tradução de: Courageous Leadership.

POIRIER, Alfred. **O pastor pacificador**: um guia bíblico para a solução de conflitos na Igreja. 1 ed. Tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo, SP: Vida Nova, 2011. Tradução de: The peacemaking pastor: a biblical guide to resolving church conflict.

SATHER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança**: Uma hermenêutica teológico-pastoral. 1 ed. São Paulo, SP: ASTE, 2004.

SHEDD, Russell P.. **O Líder que Deus usa**: Resgatando a liderança bíblica para a igreja no novo milênio. Tradução Edmilson F. Bizerra. São Paulo: Vida Nova, 2000. Tradução de: Biblical leadership: the leader God uses.

SILVA, Giorgio Shiraishi Nunes da. Os papéis dos ministros de Deus em 2 e 3 João. In: Souza, Itamir Neves de. **3João**: a carta sobre as personalidades cristãs. São Paulo, SP: RTM Editora, 2025, p. 111-132.

STRACHAN, Owen; VANHOOZER, Kevin J. **O pastor como teólogo público**: Recuperando uma visão perdida. 1 ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2016. Tradução de: The pastor as a public theologian: reclaiming a lost vision.

KESSLER, Nemuel. **Ética Pastoral**: O comportamento do pastor diante de Deus e da sociedade. 5 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

STOTT, John. **Os desafios da liderança cristã**: Os relacionamentos pessoais; O desânimo; A juventude; A estagnação. Tradução Milton Azevedo Andrade. 1 ed. São Paulo: ABU Editora, 1999. Tradução de: Los Desafios del Liderazgo Cristiano.

TRIPP, Paul. **Vocação Perigosa**: Confrontando os desafios singulares do chamado pastoral. Tradução Meire Portes. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024. Tradução de: Dangerous calling.

PETERSON, Eugene. **Um Pastor Segundo o Coração de Deus**: a forma da integridade pastoral. Tradução Cláudia Moraes Ziller. 1 ed. Rio de Janeiro: Textus, 2000. Tradução de: Working the angles: the shape of pastoral.

SITTEMA, John. **Coração de Pastor**: Resgatando a Responsabilidade Pastoral do Presbítero. Tradução Susana Klassen. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. Tradução de: With a Shepherd's Hearts.

VERGNIÈRES, Solange. **Ética e política em Aristóteles**: physis, ethos, nomos. Tradução Constança Marcondes Cesar. São Paulo, SP: Paulus, 1998. Tradução de: Éthique et politique chez Aristole - physis, êthos, nomos.

WITMER, Timothy Z. **A liderança pastoral**: alcançando o pastoreio eficaz em sua igreja. Tradução Rogério Portella. 1 ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2024. Tradução de: The shepherd leader: achieving effective shepherding in your church.

WONG, David W. F. **Sabedoria Pastoral**: Trilhando o caminho entre ingenuidade e cinismo. Tradução Hans Udo Fuchs. 1 ed. Curitiba: Descoberta, 1999. Tradução de: Journey mercies: navigating the path between Naiveté and Cynicism.

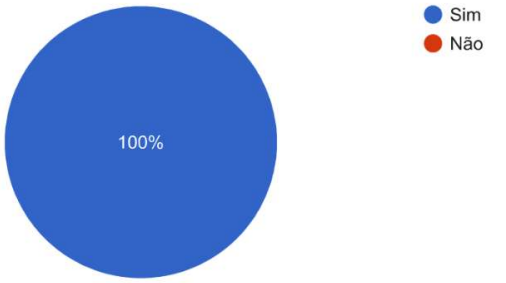
ANEXOS

Ethos pastoral e a percepção pública

121 respostas

Concorda em participar desta pesquisa? Copiar

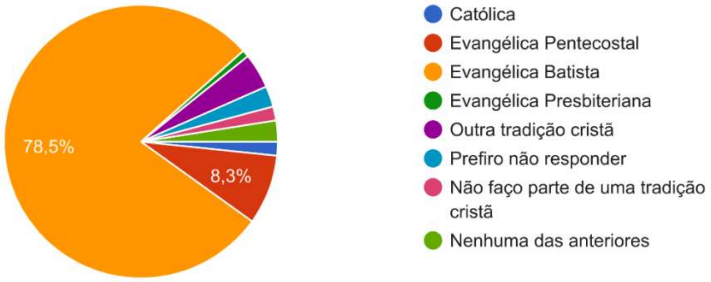
121 respostas



1. Caracterização do respondente Copiar

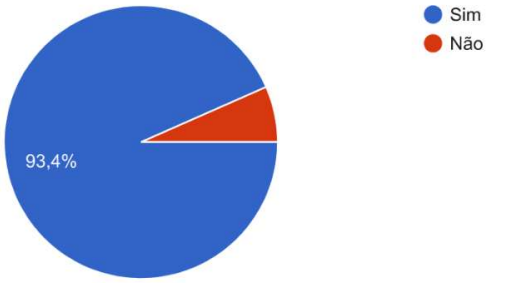
1.1. Com qual tradição cristã você mais se identifica?

121 respostas



1.2. É membro de uma igreja evangélica? Copiar

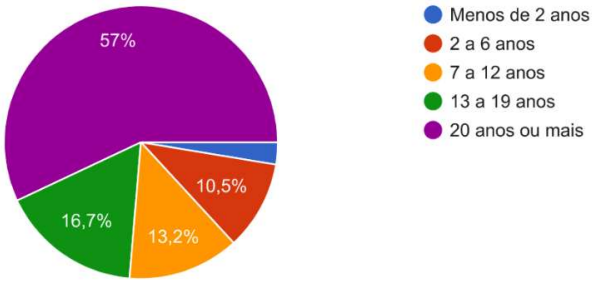
121 respostas



1.3. Caso tenha respondido “sim” na pergunta anterior, qual o tempo de conversão?

Copiar

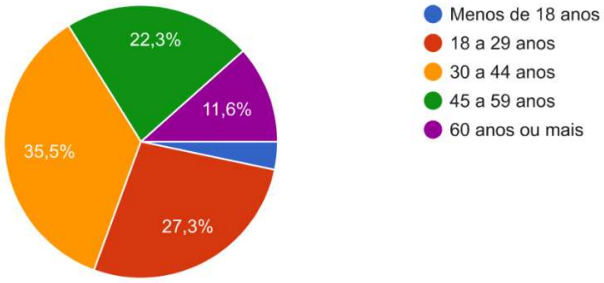
114 respostas



1.4. Qual é a sua faixa etária?

Copiar

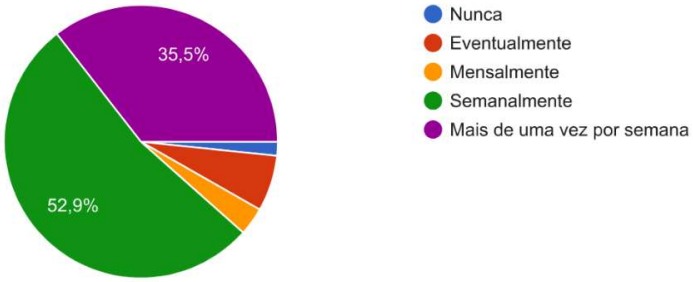
121 respostas



1.5. Com que frequência você participa de atividades religiosas presenciais ou on-line?

Copiar

121 respostas

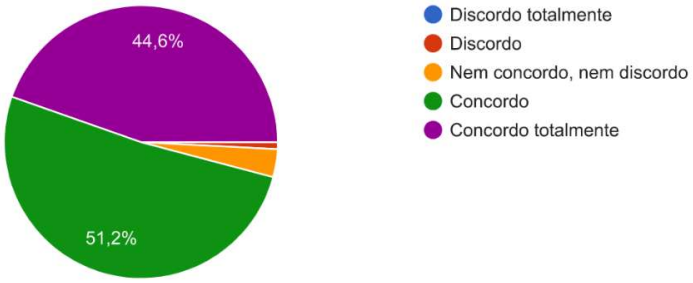


Copiar

2. Percepção sobre a figura do pastor evangélico

2.1. Os pastores evangélicos são percebidos como figuras de liderança dentro de suas comunidades religiosas.

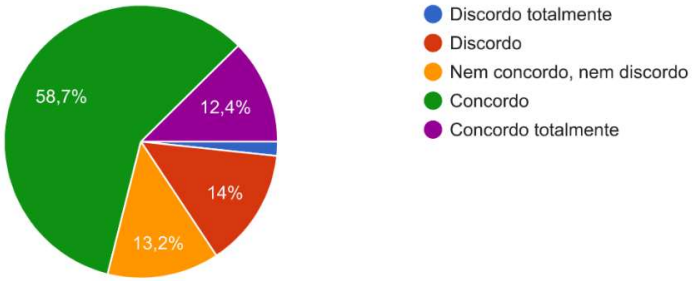
121 respostas



Copiar

2.2. Os pastores evangélicos demonstram, em geral, coerência entre discurso religioso e prática pessoal.

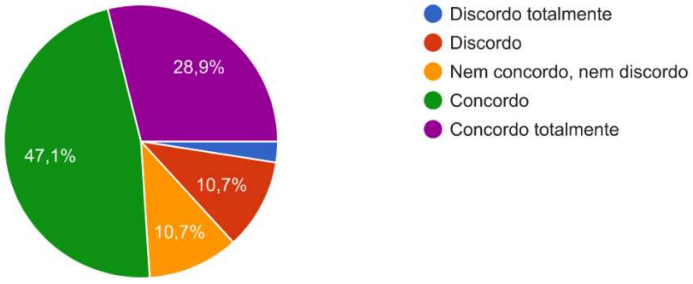
121 respostas



Copiar

2.3. A figura do pastor é associada à honestidade e à integridade ética.

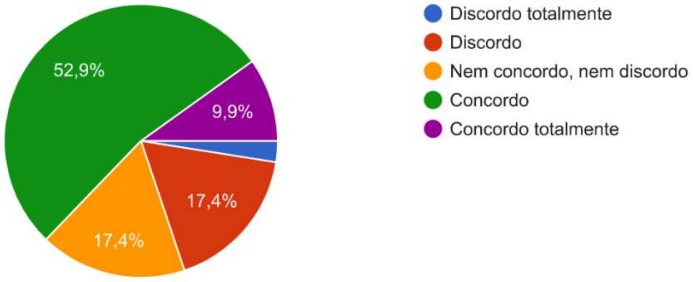
121 respostas



Copiar

2.4. Os pastores evangélicos são percebidos como pessoas respeitáveis na sociedade além de suas igrejas.

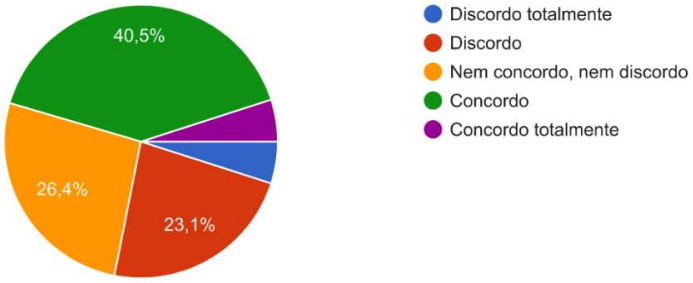
121 respostas



Copiar

2.5. A sociedade brasileira tende a confiar na figura do pastor evangélico.

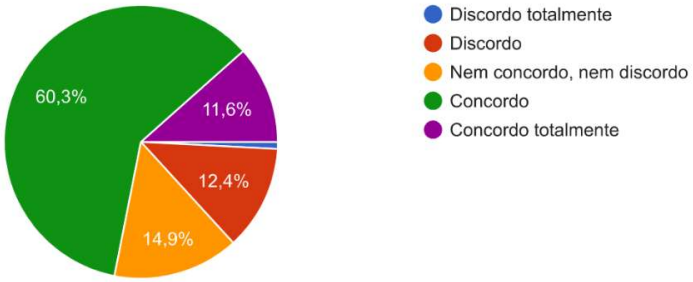
121 respostas



Copiar

2.6. Pastores evangélicos exercem forte influência sobre as decisões pessoais dos membros de suas igrejas.

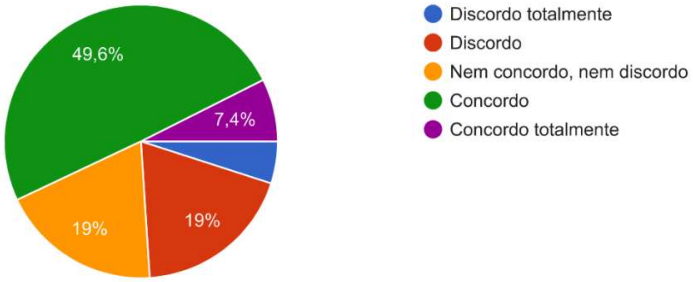
121 respostas



Copiar

2.7. A atuação do pastor evangélico é percebida como transparente em relação ao uso de recursos financeiros da igreja.

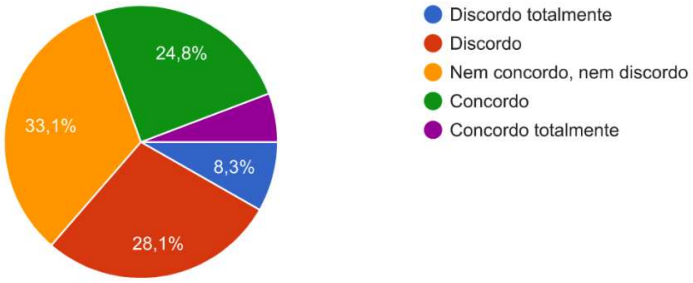
121 respostas



Copiar

2.8. Pastores evangélicos utilizam sua posição religiosa para obter benefícios pessoais ou financeiros.

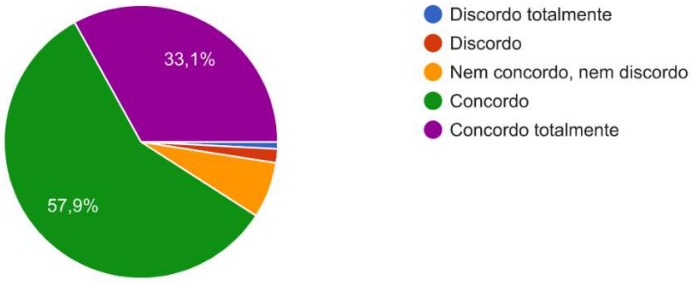
121 respostas



Copiar

2.9. A exposição de pastores evangélicos nas mídias brasileiras influencia a forma como eles são percebidos socialmente.

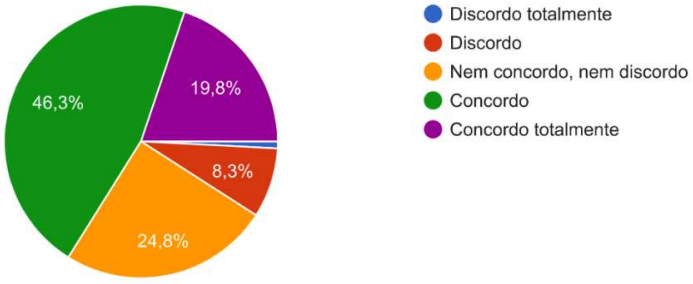
121 respostas



Copiar

2.10. A mídia brasileira contribui para uma imagem negativa dos pastores evangélicos.

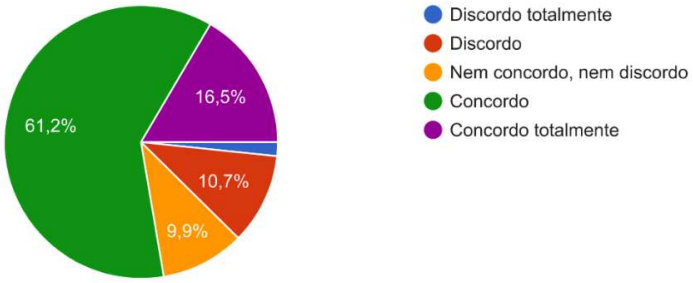
121 respostas



Copiar

2.11. O pastor é visto como alguém preparado intelectualmente para orientar os membros de sua igreja.

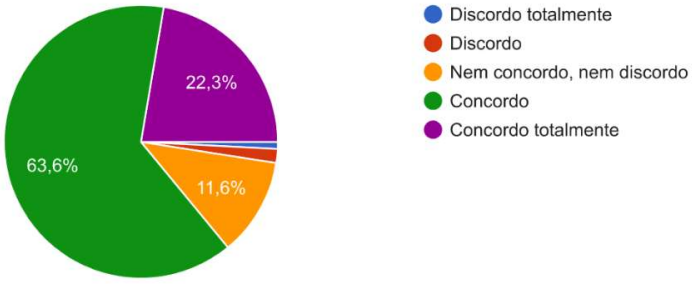
121 respostas



Copiar

2.12. A figura do pastor evangélico contribui para a construção de valores sociais em suas comunidades.

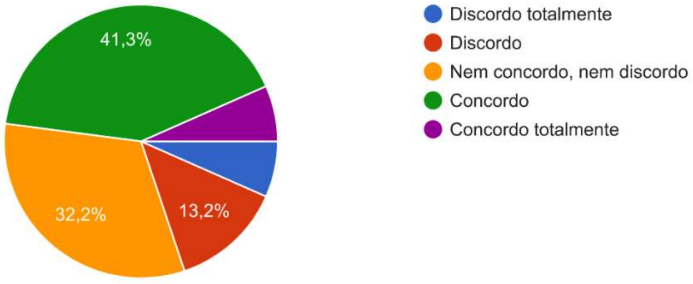
121 respostas



Copiar

2.13. A figura do pastor exerce influência sobre a decisão político-partidária de seu contexto social.

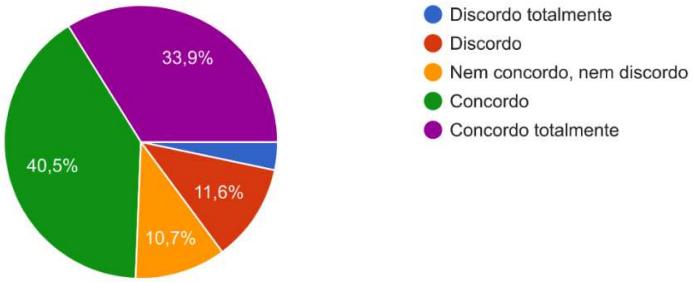
121 respostas



Copiar

2.14. O envolvimento de pastores com a política teve um impacto negativo em sua percepção pública.

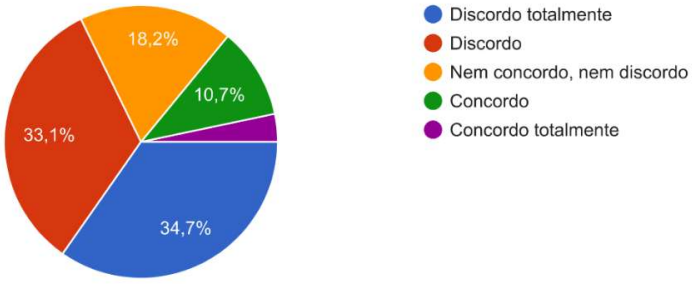
121 respostas



Copiar

2.15. Os pastores devem ser vistos nas esferas públicas, atuando no âmbito legislativo e executivo, seguindo carreira política.

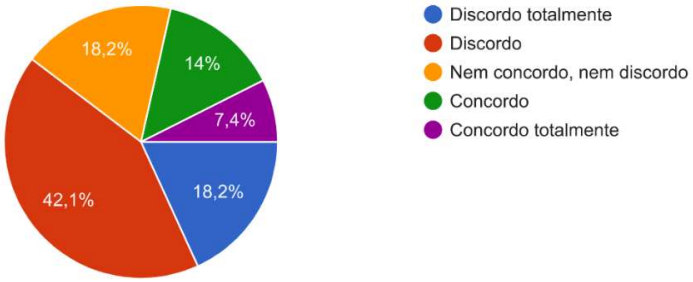
121 respostas



Copiar

2.16. O discurso vindo de pastores é, em linhas gerais, intolerante e preconceituoso, principalmente contra minorias sociais (estrangeiros, população LGBTQIAPN+, pessoas de outras religiões e entre outras).

121 respostas



3. Caso deseje, utilize o espaço abaixo para comentar sua percepção sobre a credibilidade do pastor evangélico na sociedade brasileira, incluindo fatores que, em sua opinião, contribuem positiva ou negativamente para essa imagem.

37 respostas

Só acho que pastores estão sujeitos a erros como qualquer um, então não podemos esperar santidade deles!

Infelizmente não há unidade entre o povo evangélico, resultando em distorção da Palavra e permitindo a permanência de líderes centralizadores e que não tem interesse em contribuir para o amadurecimento espiritual dos seus membros.

Nada a acrescentar.

Ha 20 anos atrás minhas respostas seriam diferentes!!!

O que mais me faz pensar e com tristeza é a ortopraxia de alguns pastores.

A verdade é que uma pessoa homossexual é sim bem vinda na igreja, não temos intolerâncias ou preconceitos com o que a pessoa é, contudo, de acordo com a fé da palavra, é pecado praticar. Um exemplo que pessoalmente já vi: Existia um membro em uma certa igreja que era homossexual, contudo ele não mantinha nenhuma relação amorosa com ninguém, porque como sabemos, relações homoafetivas é pecado.

Não sou uma pessoa religiosa, mas sou aberta a opiniões diferentes da minha. Acredito que a exposição da mídia de casos onde pastores são protagonistas de ações vergonhosas influencie na percepção do público sobre a atuação deles, mas essa exposição não deve parar. As pessoas têm o direito de saber onde estão se metendo, nada do que a mídia mostra é mentira. São casos minoritários, sim, mas eles ainda existem.

Acredito que muitos pastores por estarem nesta posição de lideranças eles atribuída, esquecem um pouco de serem humildes e servos, e usam essa posição de forma impositiva.

O pastor tem um papel muito
Importante na sociedade, são acionados principalmente na hora das lutas o problemas é que os fies só querem ouvir o que fazem bem para eles, quando não está de acordo com
O que querem se revoltam e passam
Por cima da figura do pastor.

O questionário não da margem a situações mais definidas, como o fato de ser pastor (evangelico) tem sido um título altamente usurpado. De quem estamos falando, somente dos que têm formação teológica em e entidades consideradas sérias. O mundo neo-pentecostal está eivado de falsos pastores.

Quando não pregam sobre a volta de Cristo, pecado, salvação. Isso contribui para macular a imagem do Pastor.

Acho que a credibilidade dos pastores e da igreja está bem deteriorada, influenciando negativamente a visão da realidade.
Isso se dá grandemente pelas falhas morais e éticas da igreja de maneira ampla e notória.
A mídia colabora e muito com esta visão, divulgando muito mais os escândalos do que a realidade.

Por conta de falsos Pastores, os de verdade acabam sofrendo as consequências também!

Toda igreja deveria ter uma prestação de conta diária ou semanal mostrando o extrato de movimentação, notas fiscais e demais comprovantes do que é comprado com o dinheiro dos fiéis para manutenção/fortalecimento da obra de DEUS, visto que o Senhor não precisa de prata ou ouro, e se é para obra para ajudar a todas as almas (todos devem ter ciência do uso desse valor investido de boa fé).

Na sociedade brasileira, a questão de credibilidade caiu extremamente. A sociedade não dedica credibilida em lideranças religiosas, sobretudo evangélicas, em razão de não ter a igreja uma posição de credibilidade natural (verdades bíblicoa não são consideradas), ao mesmo tempo, muitos da liderança evangélica (não os chamo de pastores), colocam a igreja em situações desgagradáveis, por motivo de seus interesses pessoais, o que a sociedade generaliza como perfil de uma liderança religiosa. Interessante que em outras atividades dentro da sociedade, os maus intencionados, individualmente em suas atividades profissionais, não comprometem sua classe da mesma forma como a liderança evangélica. A sociedade não é tão vítima assim.

Responder essas questões é um desafio, se considerar os pastores em linhas gerais na sociedade. Infelizmente, vemos muitos escândalos na liderança evangélica, em especial, entre os pastores. Escândalos, os quais, são divulgados em todos os veículos de comunicação com o objetivo de manchar a imagem dos pastores. Entretanto, no dia a dia, no meio evangélico, longe das divulgações midiáticas, vemos pastores que se doam para alcançar pessoas necessitadas do amor de Cristo.
A imagem que devemos ter dos pastores, é a imagem de Cristo que cuida e repreende a sua ovelha em amor. Somente dessa forma terão credibilidade.

Infelizmente a imagem dos Pastores ficou banalizada em razão de alguns que deram mal testemunho, em todas as esferas da sociedade, o que hoje dificulta a credibilidade dos "bons imperfeitos" que estão lutando para manter o bom caráter e motivação certa dos pastores.

Infelizmente, na vida esbarramos em ministérios que vemos muita discordância de ética e honestidade. Mas não concordo em generalizar e rotular todos os pastores. Pastor é homem como qualquer outro membro e não está livre do erro ou pecado por seu cargo.
Eu já me desliguei do rol de membros de igreja por não concordar mais com a visão da liderança e ver atitudes e decisões totalmente fora da visão da palavra de Deus.

A credibilidade do pastor evangélico no Brasil está fragilizada, mesmo com o crescimento numérico do evangelho. Isso acontece porque muitos líderes trocaram serviço por poder, simplicidade por ostentação e evangelho por espetáculo. Escândalos financeiros, envolvimento político excessivo, promessas de prosperidade e incoerência entre discurso e prática fazem a sociedade enxergar parte dos pastores com desconfiança.

Ao mesmo tempo, existem pastores sérios, que vivem o que pregam e servem suas

comunidades de forma silenciosa — porém a imagem pública acaba sendo dominada pelos casos negativos. O resultado é um paradoxo: a igreja cresce em número, mas a transformação moral na sociedade não acompanha o mesmo ritmo, o que levanta questionamentos sobre a profundidade do discipulado e da prática real do evangelho.

Muitos pastores, os quais tem grande exposição na grande mídia, acabam queimando a imagem da figura do pastor evangélico. Seja por interpretações erradas da bíblia, seja por falas hereges e até mesmo por envolvimento de crimes como abusos sexuais e furto de dinheiro, como por exemplo "quem dar o maior dízimo ganha uma vaga no céu".

Essa é a minoria da minoria a qual faz parte da exposição da grande mídia, a grande parte são de pastores honestos e com um chamado verdadeiro de Deus para o serviço pastoral.

Creio que em algumas denominações ditas como evangélicas, o cargo/título de pastor é utilizado para alguma vantagem social, seja economica, política, influenciador local que tenha algum tipo de poder sobre o outro. Neste quesito creio que vale uma análise mais profunda sobre a influencia do pastor sobre a sociedade/grupo que ele convive, lidera ou influencia de alguma maneira.

Pessoas de fora do meio tendem a ver isso de maneira negativa, principalmente em casos graves de estorção, manipulação de pessoas e outros casos que sabemos que acontecem. Porém, quando se trata de pastor sério, ungido pela palavra e com o Reino como propósito, sabemos que a influencia sempre será guiada pelo Espírito Santo e, consequentimente, boa dentro do propósito de Deus

Os pastores evangélicos tinham bom conceito na sociedade brasileira, como pessoa íntegra. Mas a exposição pública negativa de alguns tem manchado. Muitos tem esse título de pastor sem realmente ter se preparado pra ser essa figura importante tanto na igreja como na sociedade.

No geral, a figura do pastor evangélico ainda é vista de forma respeitosa e bem quista em seus contextos. Mas, se estender a pesquisa para fora do contexto religioso cristão evangélico, veremos que há uma percepção negativa crescente a cerca do exercício pastoral tendo hoje sua credibilidade minada socialmente que outrora fora inquestionável. Os escândalos midiáticos e virais recorrentes envolvendo pastores, tem contribuído fortemente para que a imagem do pastor, que deveria irrepreensível, seja alvo de repreensão e não poucas vezes, é com razão.

Minhas respostas foram baseadas nos pastores BATISTAS...ao qual eu conheço , tenho mais ligação e são os que menos vejo envolvidos em escândalos e exposição nas mídias.

Acredito que algumas perguntas pedende da igreja, as perguntas que concordo são baseadas na minha vivência com pastores Batistas. Pq já vivi em outra igreja em que não responderia desta maneira por não ver tanta integridade nos pastores.

São pessoas em evidência, mas acredito que a pessoa em si acaba se destacando mais que a função. Ou seja, são como influencers digitais, as pessoas tem criticado e elogiado pessoas especificas de acordo com suas opiniões e questões especificas.

Sobre algumas perguntas seria interessante ter opções de alguns, pois tem pastores que contribuem e tem outros que não contribuem, tem muitos que honram ao chamado que é honrar a Deus e apascentar as ovelhas, outros envergonham o reino de Deus!

Infelizmente a imagem do pastor evangélico é muito associada a erros, que tomam grandes proporções midiáticas, de alguns pastores e por conta disso a classe pastoral inteira acaba sendo taxada e estereotipada.
Acontecem casos de extorsão e uso indevido e deturpado da Bíblia para obtenção de recursos financeiros ou favores em troca de um conforto espiritual ou de uma possível melhora na vida pessoal de algum fiel, que nunca deveria ser atribuída ao pastor, ele não obtém poder algum sobre a vida das pessoas, seu papel é orientar a igreja e zelar por ela, não usá-la em benefício próprio.
Esse tipo de atitude incongruente, com a Palavra de Deus, faz com que a imagem do pastor evangélico seja descredibilizada perante a sociedade.

Infelizmente muitos Pastor evangélico hoje, usa sua posição de líder para usurfruir de benefícios como ser servido com finanças, distorcer as escrituras a benefício próprio. No fim a maioria ostenta como "o maior da igreja" e é sempre servido, tem lugar de honrraria para sentar e aproveitar.
Curioso que Jesus disse totalmente o contrário; aquele que quiser ser o maior que sirva.

Os pastores da minha comunidade local são respeitáveis e atuam nas sete esferas da sociedade. No qual também acredito que a igreja deve ser atuante e resposta em toda a sociedade.

O pastor é visto como alguém que pode trazer conforto , orientação, ensinar a palavra. Sua dedicação deve ser apenas para com a igreja. Mas hoje para muitos,é fonte de riqueza e poder, a ovelha é a ultima a ser cuidade.

Jesus Cristo disse ao Pai : não peço que os tire do mundo, mas sim livrai-os do mal.João 17:15

Acredito que nem todos são ruins, há uma boa parcela de pessoas e pastores que contribuem para o nem da sociedade, fazendo caridade e acolhendo aqueles que precisam, mas em sua maioria, são pessoas despreparadas e envoltas em pecado, com a intenção apenas de ganhar dinheiro dos fiéis.

• A credibilidade do pastor varia de pessoa pra pessoa. Tem gente que vê o pastor como alguém que “nunca erra”, e isso não é realista.
• Pastores são humanos: têm fé, estudo e experiência, mas também erram, interpretam coisas de jeitos diferentes e têm opiniões pessoais.
• O ideal é ter discernimento:
• absorver o que é bom, bíblico e faz sentido pra sua vida;
• e quando algo não bate, refletir, questionar com respeito e buscar entender melhor (na Bíblia, em outras fontes, conversando).
Isso não é falta de fé —é fé com consciência.

Lamento que os pastores evangélicos tenham se tornado:filósofos, psicólogos, coachings e menos pastores da palavra!!!

Raras exceções à parte, percebo que a credibilidade do pastor evangélico na sociedade brasileira tem sido profundamente abalada. Em muitos casos, esses líderes demonstram posturas preconceituosas, intolerantes e contraditórias aos valores que dizem representar. Falam em Deus, amor e moral cristã, mas frequentemente se comportam de maneira oposta a esses princípios, adotando discursos de ódio, exclusão e julgamento. Além disso, há uma percepção recorrente de que a religiosidade é utilizada como instrumento de manipulação emocional e financeira, com o objetivo de arrecadar dinheiro e obter poder, em vez de promover acolhimento, ética e transformação social genuína. Escândalos envolvendo enriquecimento ilícito, alianças políticas questionáveis e falta de transparência contribuem negativamente para essa imagem, gerando desconfiança e afastamento, especialmente entre pessoas que valorizam uma espiritualidade mais coerente entre discurso e prática.

Acredito que os pastores que realmente fazem um trabalho ético e coerente não tem visibilidade, por isso, aquilo que destaca é o alarmante. A televisão, rádio e internet propaga muito mais, principalmente para os descrentes, o lado negativo da "profissão".

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - Entre em contato com o proprietário do formulário - Termos de Serviço - Política de Privacidade

Este formulário parece suspeito? Denunciar

Google Formulários

ENTREVISTA COM PASTORES

Pastor entrevistado: Jonathas Carvalho Batista
Denominação: Batista - CBESP
Tempo de pastorado: 26 anos

1. Como imaginava ser o papel de um pastor evangélico?

“Quando iniciei meu ministério pastoral, compreendia o foco de minha atividade no estudo/pregação da palavra de Deus e na gestão das vidas colocadas sob minha responsabilidade e para isso seria necessário muito preparo teológico e resiliência espiritual.”

2. Como vê o seu papel hoje frente à igreja e à sociedade?

“Hoje percebo minha atividade pastoral através de um conjunto de funções dentro de um ecossistema de atividades que dão suporte a Igreja. Ou seja, o “púlpito” passa a ser uma parte de toda a dinâmica que envolve a igreja como instituição e como “lugar de fé”. Acabo por me ver buscando muito mais habilidades no trato, escuta e cuidado com as “pessoas de Deus” e suas necessidades reais frente aos seus problemas reais. O papel pastoral frente à sociedade contemporânea entendo ser sempre no sentido de promover as intervenções necessárias ao despertar da fé seja através da evangelização como proposta de vida e salvação ou através do alcance social promovendo o evangelho em ação através do cuidado aos “órfãos e as viúvas” deste tempo.”

Pastor entrevistado: Davi Domingues
Denominação: Batista - CBESP
Tempo de pastorado: 4 anos

1.Como imaginava ser o papel de um pastor evangélico?

“Um servo de Deus dedicado ao cuidado e orientação dos crentes em Jesus.”

2. Como vê o seu papel hoje frente à igreja e à sociedade?

“Um servo de Deus dedicado ao cuidado, ensino e capacitação de pessoas crentes em Jesus.”

Pastor entrevistado: Marcos Arrais
Denominação: Igreja Bíblica do Calvário
Tempo de pastorado: 25 anos

1. Como imaginava ser o papel de um pastor evangélico?

“No começo, a gente sempre enfatiza ou tem aquela visão mais romântica do papel pastoral. Então você vê o pastor aos domingos pregando, ministrando a Palavra, orando, visitando, e vai nutrindo aquela imagem daquele homem, daquela pessoa que está sempre servindo e ajudando as pessoas.

Enfim, eu sempre imaginava dessa maneira: alguém a serviço de Deus, servindo a igreja. Para mim, isso era a coisa mais extraordinária que eu podia imaginar para a minha vida e para a vida de quem estava no ministério.

Só a ideia de um chamado ministerial, de uma vocação, já traz toda uma aura, algo profundo, santificado, algo sobre-humano. Então isso já traz em si uma imagem muito especial do papel pastoral.”

2. Como vê o seu papel hoje frente à igreja e à sociedade?

“Primeiro, eu ainda mantenho toda essa visão do ministério pastoral como essa pessoa que foi separada por Deus, capacitada com determinados dons espirituais, principalmente o dom de ensino, e que está a serviço da igreja.

A igreja, essa instituição supratemporal e até atemporal, ela é eterna. Então, sobre o papel pastoral, eu ainda tenho essa visão muito abençoadora e romantizada do papel.

Mas a gente vive numa sociedade que não é mais cristã, digamos assim. Vivemos num mundo cada vez mais secularizado, com características e marcas cada vez mais pagãs. Então eu acho que o pastor tem um papel apologético. E quando eu falo de apologia, não estou me referindo apenas à apologética clássica de combate às heresias. Até acho que as heresias existem, mas elas têm outra roupagem hoje.

O próprio secularismo é uma heresia que tem influenciado muito a igreja. O ateísmo também. Na igreja se vive muito o que eu chamo de ateísmo funcional.

O que é o ateísmo funcional? É a pessoa que está na igreja durante o final de semana, participando das programações, com a Bíblia e tudo, mas durante a semana vive uma vida completamente contrária, negando na prática que existe um Deus governando sua vida, sua família e seu trabalho.

Hoje também vivemos um dilema muito arriscado: um mundo extremamente politizado, onde há uma tentação muito grande do famoso “posicionamento político”, e muitos pastores acabam confundindo uma coisa com a outra.

No meu papel pastoral, procuro fazer a diferença pregando o Evangelho. A influência que Deus me deu não foi para pedir voto para político, mas para pregar a Palavra. E eu acredito que o Evangelho é a mensagem completa.

Se nos deixarmos moldar pelo Evangelho, todas as esferas da nossa vida serão reorientadas. Não precisamos ser doutrinados pelos padrões deste mundo.

A sociedade hoje é muito mais complexa. O pluralismo fez a sociedade se fragmentar e trouxe muitas demandas com as quais antes não lidávamos: sexualidade, ética na tecnologia, redes sociais, entre tantas outras.

Por isso, o pastor precisa se preparar intelectualmente e culturalmente, sendo uma espécie de teólogo público, capaz de articular bem esses temas e, acima de tudo, apresentar uma proposta do Evangelho.

Não podemos confundir Evangelho com partidarismo ou ideologia política. O Evangelho está acima de tudo isso. Quando identificamos o Evangelho com ideologias políticas, nós o empobrecemos e o esvaziamos.

Nossa maior função é representar Cristo e ensinar que tudo isso aqui vai passar. Isso não exime as pessoas de se envolverem na transformação do mundo, mas vivemos na tensão do “já e ainda não”.

Sabemos que vivemos numa era afetada pelo pecado. Podemos antecipar, em algum nível, a era futura, mas sabendo que ela ainda não se consumou. Vivemos, então, nessas duas perspectivas.

Enfim, espero que minha palavra sirva de alguma forma. Um grande abraço.”

Pastor entrevistado: Joerley Orlando de Oliveira Cruz
Denominação: Batista – CBESP
Tempo de pastorado: 24 anos

1. Como imaginava ser o papel de um pastor evangélico?

“Nos tempos de seminário, os sonhos e os planos são muito vivos. Então, já que a questão é imaginar, talvez tenha a ver com perspectiva.

Eu acreditava que ser pastor evangélico era cuidar de uma igreja, sendo responsável espiritualmente por ela, não importando o tamanho. Minha vida seria dedicada integralmente a isso, enquanto a própria igreja me sustentaria, permitindo que eu continuasse oferecendo assistência integral.

Quando iniciei o seminário, em 1989, e depois retornei em 1999 para concluir o curso em 2002, aquilo que fazia parte do imaginário dos seminaristas era exatamente isso: uma dedicação absoluta e integral à igreja, incluindo a família nesse processo ministerial.

Foi assim que eu imaginei o ministério, foi assim que estudei e concluí o seminário.

Evidentemente, quando entramos no ministério e recebemos o primeiro convite, tudo se torna uma incógnita. Você nunca sabe exatamente para onde vai, com quem vai e como será.

Eu tinha uma boa impressão do ministério, mas a realidade ministerial é completamente diferente do ambiente do seminário, que é seguro, saudável e voltado ao estudo teórico. Quando você se depara com o ministério, o cenário muda completamente.”

2. Como vê o seu papel hoje frente à igreja e à sociedade?

“Hoje os dias ficaram bastante difíceis em relação ao passado, porque tanto a igreja quanto a sociedade sofreram mudanças.

A igreja de Jesus continua sendo a igreja de Jesus, mas sociologicamente ela sofreu alterações ao longo dos anos. Desde que me formei, em 2002, assisti a várias mudanças, alterações de foco e objetivos dentro da igreja.

No passado, o olhar era mais simples, não simplista, mas mais simples em relação ao funcionamento da igreja. Hoje a sociedade influenciou muito a igreja. As pessoas que estão na sociedade são as mesmas que entram na igreja aos domingos, carregando consigo problemas, influências e valores adquiridos fora dela.

Meu papel ministerial não mudou. Particularmente, ele está muito ligado ao ensino. Isso faz com que eu saiba exatamente qual é o meu papel.

É importante que um pastor, mesmo depois de muitos anos de ministério, continue entendendo claramente qual é a sua função. Muitos acabam se perdendo por diversas razões.

Meu papel continua sendo, sobretudo, dentro da questão do ensino, que é aquilo que Deus colocou em mim.

Já em relação à sociedade, a situação ficou mais difícil, porque hoje existem muitas opiniões negativas sobre aquilo que a igreja representa. A igreja tem sofrido ataques, inclusive por se misturar com questões políticas e sociais.

No cenário brasileiro, a igreja está sendo marcada como partidária, como se tivesse um lado político a defender, e não necessariamente o lado do Evangelho.

Isso faz com que ministros que têm consciência do seu chamado sofram ao ver a forma como a sociedade lida com a igreja atualmente.

Existe uma tensão entre uma sociedade que quer se afastar da igreja e igrejas que desejam se aproximar cada vez mais da sociedade, sentando-se à mesa para discutir assuntos em que todos concordem com tudo.

Na visão bíblica e também na formação que recebi no seminário, isso nunca me pareceu razoável. A igreja não deve entrar na sociedade para se moldar a ela, mas trazer a sociedade para dentro da igreja para que ela seja transformada pelo Evangelho.

Esse tem sido um grande problema dos nossos dias.

Meu papel permanece diante da igreja. E diante da sociedade, meu papel é apresentar a igreja como ela realmente é, e não como a sociedade espera que ela seja.”

Pastor entrevistado: Pedro Evaristo Conceição Santos
Denominação: Batista – CBESP
Tempo de pastorado: 38 anos

1. Como imaginava ser o papel de um pastor evangélico?

“William, eu diria o seguinte: minha percepção antes do pastorado passou por mudanças ministeriais progressivas.

Inicialmente, fui para o seminário pensando no ministério missionário. Sempre fui muito envolvido com evangelismo e trabalho de campo.

Quando cheguei ao seminário, comecei a me impressionar com o estudo bíblico e com a pregação. Eu e minha esposa estávamos prontos até para passar necessidade por Cristo, se fosse preciso.

Depois vim para São Paulo, me casei aqui, e o começo foi bastante difícil. Fui para o pastorado querendo adquirir experiência ministerial, e permaneci muitos anos nele.

Nunca me senti inferior, porque sempre estudei. Quando o pastor continua estudando e alcançando novos graus de formação, mesmo dentro da teologia, percebe que existe um campo muito grande para desenvolver.

Foi justamente isso que me levou para a educação teológica. Mesmo sendo pastor, eu já estava envolvido nessa área enquanto cursava meu primeiro mestrado. Depois vieram as convalidações, o doutorado e, se Deus permitir, ainda penso em um pós-doutorado.

Hoje o corpo já não acompanha a disposição do cérebro da mesma forma.

Nunca vi o pastorado como algo inconveniente diante da sociedade ou da igreja. Pelo contrário, muitas pessoas descrentes demonstravam certa admiração pelo fato de eu ser pastor. Em alguns casos, isso até servia como oportunidade para iniciar conversas.”

2. Como vê o seu papel hoje frente à igreja e à sociedade?

“Quando lemos as Escrituras, vemos constantemente Deus dizendo: ‘Não temas, porque eu estarei contigo’. Essa frase aparece justamente em momentos de medo.

Muitas pessoas querem um ministério relevante às custas das Escrituras, e isso é perigoso. Quando deixamos de lado as Escrituras ou as interpretamos de maneira muito livre, deixamos de levar cativo todo pensamento ao senhorio de Cristo.

Isso abre espaço para inúmeras novidades que vão contra a própria Escritura.

Tudo o que estudo e continuo estudando é para submeter meu pensamento ao senhorio de Cristo. Sei das dificuldades que todo pastor enfrenta, porque ser pastor exige uma luta maior do que a média das pessoas da igreja.

Diante da sociedade, eu diria que a relevância do ministério pastoral existe por causa da relevância da própria igreja. Não é a sociedade que faz falta para a igreja; é a igreja que faz falta para a sociedade.

Se a igreja fosse retirada da sociedade, ela perderia suas válvulas de contenção e caminharia livremente em direção ao pecado, sem alguém para pregar o Evangelho.

A igreja é relevante por causa da pessoa de Cristo. Cristo é essencial para a sociedade, independentemente do que falem sobre Ele. E justamente por isso a igreja também é essencial para a sociedade.”

Pastor entrevistado: Weslley Aranha
Denominação: Batista – CBESP
Tempo de pastorado: 5 anos

1. Como imaginava ser o papel de um pastor evangélico?

“Eu imaginava o papel pastoral como um ministério de ensino, cuidado e acompanhamento. Alguém que ensina, pastoreia, ouve, aconselha e acompanha as pessoas.

Pensava que o pastor seria alguém ouvido pelas ovelhas, alguém cujos conselhos seriam seguidos. Talvez essa tenha sido a parte que mais me surpreendeu, porque na prática isso nem sempre acontece.

Como líder do rebanho, a tendência seria que as pessoas seguissem a direção dada. Porém, na minha experiência, poucos realmente ouviam e seguiam. Isso me marcou bastante.

Mas eu imaginava o pastor como alguém que cuida, zela pela vida da ovelha, aconselha, apoia e ajuda as pessoas a se desenvolverem, reconhecerem seus dons e servirem no Reino de Deus. Era assim que eu enxergava o papel do pastor evangélico.”

2. Como vê o seu papel hoje frente à igreja e à sociedade?

“Hoje minha visão não mudou muito. O papel continua basicamente o mesmo.

A diferença é que atualmente eu não sou o líder principal da igreja. Então assumo mais uma função de educador, alguém responsável pelo ensino. Essa é a figura do pastor Weslley naquela igreja: alguém que ensina.

Mas continuo sendo pastor, então continuo aconselhando, cuidando, evangelizando e zelando pelas pessoas.

Diante da sociedade, o papel também permanece semelhante, mas existe uma limitação maior. A própria Bíblia diz que as coisas espirituais são discernidas

espiritualmente. Então uma pessoa que não é espiritual terá mais dificuldade em compreender e aceitar aquilo que está sendo ensinado.

O papel permanece o mesmo, mas os efeitos são diferentes entre igreja e sociedade.

Se eu aconselhar alguém da sociedade sobre casamento ou paternidade à luz das Escrituras, certamente esse aconselhamento acontecerá. Porém, o efeito será muito diferente daquele produzido em uma pessoa que busca servir a Deus e viver espiritualmente.

Então o papel permanece, embora os resultados sejam diferentes.”